



TRYST

SIX

VENOM

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

PENELOPE
DOUGLAS

PENELOPE DOUGLAS

Tradução: Kaya/Nick
Revisão de Tradução: Pablo

Penelope Douglas

Copyright © 2021 Penelope Douglas
Desenho da capa © 2020 Hang Le Designs

Todos os direitos reservados. Excepto conforme permitido ao abrigo da Lei de Direitos de Autor dos Estados Unidos de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída, ou transmitidas sob qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenadas numa base de dados ou recuperadas sem a autorização prévia por escrito do autor.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, e incidentes são os produto da imaginação do autor ou são utilizados de forma fictícia. Qualquer semelhança e eventos, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é puramente por coincidência.

Proofreading & Interior Formatting by Elaine York, Allusion Publishing

playlist

- "All The Things She Said" by t.A.T.u.
- "Beautiful is Boring" by BONES UK
- "Blank Space" by I Prevail
- "Blood In The Cut" by K. Flay
- "Bravado" by Lorde
- "Carry On Wayward Son" by Kansas
- "Celebrity Skin" by Hole
- "Cool Girl" by Tove Lo
- "Crimson and Clover" by Joan Jett & The Blackhearts
- "Death" by White Lies
- "Dirty Mind" by Boy Epic
- "Fall" by The Bug, Inga Copeland
- "Fuqboi" by Hey Violet
- "Girls Like Girls" by Hayley Kiyoko
- "Graveyard" by Halsey
- "Hatefuck" by Cruel Youth
- "Head Like a Hole" by Nine Inch Nails
- "Heart Heart Head" by Meg Myers
- "Holy" by Zolita
- "Hypnotic" by Zella Day
- "I Don't Wanna Be Me" by Type O Negative
- "Take Me to the River" by Kaleida
- "The One I Love" by Scala & Kolacny Brothers
- "Swish Swish" by Katy Perry

“A menos que eu esteja lendo uma tarefa, fazendo um trabalho ou fazendo
um teste,
Estou pensando em você.”

— **V.C. Andrews, Secret Whispers**

Para Abigail

one

CLAY

QUER APOSTAR que minha mãe está prestes a ter um colapso?

Tenho certeza que já passa das nove. Ela deveria estar em casa, vomitando todas as calorias que consumiu hoje e terminando o quinto passo de sua rotina de cuidados com a pele ao invés de esperar por mim na loja de vestidos agora.

Estou tão atrasada.

Os confetes voam no ar, e eu me abaixo, pegando mais três camisas do balde enquanto o carro alegórico do desfile pula e balança sob nós.

"Mais camisetas!" Eu grito para Krisjen para reabastecer.

A multidão grita em ambos os lados da rua, e eu pulo do degrau, parando na beirada enquanto coloco minha mão no ouvido.

Vamos lá, eu quero ouvir!

"Ah!" As garotinhas gritam.

"Oi, Clay!" A pequena Manda Cabot, de seis anos, grita para mim como se eu fosse uma princesa da Disney. "Oi!"

Ela acena para mim enquanto sua irmã gêmea, Stella, levanta as mãos, pronta para pegar.

Uma brisa confortável sopra através das palmeiras ao longo da Avenida Augustine, roçando minhas pernas nuas em meu short jeans enquanto os vasos de flores lantanas cor de rosa estão pendurados nas lâmpadas da rua ao longo da estrada e enchem o ar com seu cheiro.

Apenas uma típica noite amena de inverno na Flórida.

"Nós queremos uma camiseta!" Stella choraminga.

Eu levanto meu braço no ar, minha camiseta branca com a palavra GRANDE brilhando em letras prateadas.

Eu sorrio, gritando: "Vocês querem ser as menores?"

"Sim!" elas choram.

"Então eu preciso ouvir vocês gritarem!" Eu movo meus pés, fazendo um pequeno movimento de dança. "Omega Chi Kappa! Vamos lá!"

"Omega Chi Kappa!" Elas gritam. "Omega Chi Kappa!"

"Não consigo ouvir vocês!"

"Omega Chi Kappa!" elas gritam tão alto que seus dentes de leite quase tremem.

Oh meu Deus. Que fofas. Eu espero que eu tenha filhas.

Eu jogo para elas em um arremesso secreto e continuo a dançar ao som da música enquanto o caminhão se arrasta, o nosso carro alegórico no meio de uma longa fila de carros alegóricos, todos celebrando o anual Dia dos Fundadores.

"Vejo vocês em alguns anos!" Eu disse a elas. "Sejam boazinhas e estudem!"

"Isso mesmo, nós só ficamos com a melhor!" Amy Chandler grita ao meu lado.

Seguido pelo cantarolado de Krisjen do meu outro lado, "Seja a melhor!"

Eu bufo, virando-me para pegar mais algumas camisetas. Balões dançam no ar ao longo das calçadas e eu arremesso mais alguns pacotes, o formigamento na minha cabeça me ajudando a fazer minha parte enquanto danço nosso número coreografado de "Swish, Swish" em sincronia com Krisjen.

O resto das nossas meninas caminha na frente ou ao lado do carro alegórico, dançando na rua, e cada olhar na nossa direção faz com que meus braços se arripiem. Ter a atenção é sempre bom. Girando meus quadris, arqueando minhas costas e sacudindo meu corpo, eu tenho certeza de uma coisa: Eu sou boa nisso.

Nossa irmandade é a maior em qualquer escola de ensino médio do estado e, embora seja baseada em serviços acadêmicos, porque é isso que nos leva à faculdade, somos populares por outros motivos. Nós parecemos atraentes fazendo o que fazemos.

Seja lavando carros para arrecadar dinheiro para uma pesquisa de saliva de gato, oferecendo o café da manhã anual com panquecas do time de futebol ou ajudando a limpar a casa de Angélica Hearst e lavar a roupa dela porque ela acabou de ter o quarto bebê do papai número quatro e ela está sobrecarregada – Deus abençoe seu coração – nós fazemos bem ao estilo Instagram.

Krisjen e eu tropeçamos em nossos pés, rindo enquanto pegamos mais algumas camisetas e as jogamos para nossas futuras irmãs lá fora no meio da multidão.

"Você viu como eles estão bêbados?" Krisjen diz baixinho.

Eu sigo o olhar dela, vendo seu namorado, Milo Price, sorridente e suado em seu boné de beisebol virado para trás e bochechas coradas, que segundo o que ele mesmo disse, ele tomou apenas cerveja esta noite.

Callum Ames está ao lado dele, sorrindo com os braços cruzados sobre o peito, me olhando como se eu fosse algo que já é dele.

Talvez. De qualquer maneira, eu vou parecer bonita segurando o braço dele no baile de debutante.

Pego minha garrafa de água debaixo do peixe palhaço de papel machê e tomo um gole, a queimação já inebriante enquanto desce pela minha garganta. Só o gosto já acalma os meus nervos.

"Eu vou matá-lo", Krisjen reclama.

"Espere até depois do baile", digo a ela. "Você precisa de um par."

Tirando a garrafa das minhas mãos, ela toma um gole enquanto eu pego as camisetas e as arremesso para as mãos que estão esperando por elas.

Música e risos nos cercam, a arma de confete atira outra bomba no ar - com as cores azul, rosa, prata e dourado - vibrando como neve.

"Deus, esse negócio é bom." Ela me devolve a garrafa. "Desce como água."

"Contanto que você não beba 2 litros disso por dia, entendeu?" Eu tomo outro gole e tampo minha nova marca favorita de vodka que está disfarçada dentro da minha garrafa de água.

Ela franze o rosto em um sorriso, suas maçãs do rosto perfeitas e seus longos cabelos castanhos em um coque bagunçado no topo de sua cabeça.

"O que eu faria sem você?"

Eu rio. "A única coisa que qualquer um de nós precisa é de um pouco de amor..." Eu me inclino, sussurrando, "...da garrafa certa."

Ela ri, e nós duas pulamos do carro alegórico, deixando Amy encarregada de jogar as camisetas, enquanto nos juntamos às garotas no último refrão da dança.

Minha cabeça gira alguns metros acima do meu pescoço, a "ajuda" que acabamos de beber me avisando que eu vou começar a suar em vinte minutos, mas o suficiente para me dar um pouco de energia.

Estou tão atrasada.

Este desfile está demorando muito mais do que eu esperava e o Lavinia's vai fechar em breve. Eu danço mais rápido como se isso fosse acelerar os veículos à nossa frente.

Callum e Milo nos acompanham, o cabelo louro escuro de Callum sendo soprado

pela brisa enquanto eu passo por ele e o provooco com os meus olhos. As meninas mais novas gritam para nós, olhando para mim como se eu fosse algo especial, enquanto alguns rapazes pairam juntos, olhando para mim e sussurram entre eles.

Movo meu corpo de um jeito que o nossa treinadora certamente ouvirá falar na segunda-feira, mas não me interessa. Vou esfregar na cara deles algo que eles nunca conseguirão ter.

Porque mesmo aos doze anos, desfilando em um palco de concurso de biquíni, eu sabia qual era o meu poder. Nunca houve qualquer confusão.

"Nós amamos você, Clay!" alguns dos meus colegas gritam enquanto conduz o grupo e termino a dança. Eu fecho meus olhos, absorvendo todas as câmeras do telefone nos gravando e as fotos de Clay Collins que sobreviverão muito tempo depois de eu ter partido. Imagens que mostrarão quem eu sou muito mais alto do que posso dizer em palavras.

Rainha do baile de boas vindas.

Rainha do baile de formatura.

Amada Omega Chi, e algo bonito de se olhar.

Esta sou eu.

Abro os olhos, imediatamente me vendo na janela de um carro estacionado no meio-fio. Eu levanto minha mão, empurrando a mecha de cabelo loiro de volta no lugar.

Todos nós temos que ser alguma coisa, eu acho.

• • •

"Tem certeza que tem que ir?" Krisjen disse do banco de trás do Mustang de Callum. "Você pelo menos dormiu nas últimas vinte e quatro horas?"

Eu saio do banco do passageiro e lanço um olhar para ela enquanto Milo se senta ao lado dela, passando o braço ao seu redor.

Eu dormi na noite passada. Algumas horas a menos para terminar de preparar o carro alegórico.

Fecho a porta e me apoio no conversível, encontrando os olhos azuis de Callum no banco do motorista. "Leve-a para casa em segurança?" Eu peço.

Deus sabe que Milo é burro demais para fazer isso. "Talvez", ele provoca.

"Então talvez eu pense em deixar você me levar para a festa do farol." Eu jogo minha bolsa por cima do ombro e procuro dentro dela, puxando um pano para limpar as letras gregas brilhantes do meu rosto.

Ele fica sentado com aquele brilho confiante em seus olhos como se todos quisessem estar perto dele, e ele vai esperar que eu perceba isso.

"Venha aqui", ele diz. Lentamente, eu me inclino, avançando 90% do caminho, para que ele só avance 10% e pareça ser "o cara". Ele me beija, avançando de novo e de novo, sua língua molhada roçando meu lábio inferior antes que ele se afaste.

Se segurando, para me fazer implorar por mais.

"Você estava incrível esta noite, querida," Milo diz, apertando Krisjen. "Vocês duas estavam."

Eu seguro o olhar de Callum enquanto fico de pé novamente. "Obrigada por ter vindo."

"Acho que eles gostaram", diz ele. "De você dançando para mim."

Aham, ok. Eu sorrio, me afastando em direção à loja de vestidos.

Ele engata a marcha do carro, dá a partida e eu me viro, limpando minha boca.

Eu odeio beijar. Língua molhada e babada como uma maldita lesma sacudindo em

volta da minha boca.

Abro a porta do Lavinia's na avenida e entro, jogando pano na calçada atrás de mim.

As ruas de St. Carmen ainda são cheias de tráfego de pedestres, cafés e pontos turísticos locais repletos de pessoas curtindo uma noite tranquila com amigos ao ar livre. O desfile terminou há mais de uma hora e, embora tenhamos levado tanto tempo para limpar nosso equipamento e o pai de Amy para tirar o carro alegórico do congestionamento, o dia ainda não acabou para mim.

Eu entro na boutique, vestidos exibidos em manequins enquanto atravesso o tapete branco e passo pela mesa da recepção, vendo minha mãe sentada na sala de estar.

Ela me vê. "Conversamos amanhã", diz ela em seu telefone.

"Estou aqui agora", digo a ela, sabendo que ela vai reclamar.

"Estou esperando há mais de uma hora." Ela se levanta da cadeira de encosto alto com almofadas brancas e enfia o telefone na bolsa. "Ligue para avisar na próxima vez."

Eu rio baixinho enquanto continuo andando e ela me segue. "Como se eu pudesse controlar o quão rápido o desfile anda." eu murmuro.

Sua robusta pulseira de ouro e pérola tilinta quando ela entra na área de provadores atrás de mim, e eu coloco minha bolsa ao lado da cadeira perto dos espelhos que vão do teto ao chão. Eu olho para ela no reflexo, notando meu colar de ouro envolto em seu peito bronzeado, visível em sua blusa com decote em V esvoaçante.

Cabelo dourado penteado, calças pretas perfeitamente cortadas que abraçam sua bunda de três aulas de spinning por semana, limpíssimas, até as cutículas perfeitamente aparadas. O corpo da minha mãe não viu um carboidrato diferente de champanhe em pelo menos doze anos. Com certeza está em crio-congelamento neste ponto, simplesmente dependendo de ovos e spray de cabelo para parecer vivo.

Em dez minutos, estou no degrau em frente ao espelho e usando o vestido de debutante que minha mãe havia desenhado para mim.

"Oh, Lavinia", diz ela, segurando as bochechas com as mãos enquanto ela circula ao meu redor, conferindo o vestido.

"Você se superou. É requintado. Eu amei. Esse detalhe..."

Eu olho para longe da minha imagem no espelho, apertando minha mandíbula com força enquanto tento me conter.

Minha mãe vem até mim enquanto a senhora permanece atrás, observando-a analisar seu trabalho e procurando por quaisquer correções finais.

"Clay?" Minha mãe me pressiona. "O que você acha?"

Eu olho para ela, lutando para evitar que minhas emoções saiam da minha garganta. Eu dobro meus lábios entre os dentes, prestes a explodir. Ela não se importa com o que eu acho. Ela quer que eu minta.

"É, hum..." Eu engasgo com as palavras, um bufo escapando. "É tão bonito. Eu estou sem palavras."

Eu não posso mais fazer isso. O riso sai de mim enquanto eu observo a monstruosidade da saia grande e gorda no espelho que me faz parecer a porra da Scarlett O'Hara, com mangas bufantes e babados idiotas em torno da cintura. Estou tentada a procurar as manchas das lágrimas de risos de Lavinia por todo o vestido enquanto ela costurava essa merda.

Eu me curvo, meu estômago aperta enquanto tento me controlar.

Minha mãe me encara.

"Sinto muito", eu suspiro, me abanando. "Minhas emoções estão descontroladas. Eu esperei tanto por isso." Eu apoio minha mão no meu coração, me recuperando. "Lavinia, você pode me trazer algumas luvas e um colar de pérolas? Eu preciso ver tudo

junto. Estou tão animada. Obrigada."

Os cantos de seus olhos enrugam com um sorriso tenso, mas ela balança a cabeça, rapidamente saindo da sala para buscar os acessórios.

Não é tecnicamente culpa dela. Minha mãe aprovou o design.

Uma vez que estamos sozinhas, minha mãe sobe no degrau na minha frente e torce o corpete, puxando-o até ficar reto.

"Eu pensei que eu pareceria com um cupcake", digo a ela, tentando olhá-la nos olhos. "Agora, eu quase gostaria de poder dizer que pareço um cupcake. Você sabe aquela coisa branca que sai da boca de um viciado em heroína quando está tendo uma overdose? É assim que eu estou parecendo."

Ela encontra meus olhos, seus olhos azuis ligeiramente mais pálidos que os meus enquanto ela continua a puxar o vestido. "Você escolheu seu vestido de baile de boas vindas," ela aponta. "E você vai escolher seu vestido de baile de formatura. Para o baile de debutante eu vou escolher o seu vestido."

Eu sabia que deveria ter acabado com isso dois anos atrás, quando ela queria que eu fizesse isso.

Meu corpo estremece quando ela posiciona o vestido em mim, e eu fico olhando para o espelho por cima do ombro dela. A parte de trás de sua cabeça loira pode facilmente ser eu daqui a vinte anos.

"Você não será capaz de me diferenciar de todo mundo", digo, chegando o mais perto que posso para implorar a ela.

Todas as outras debutantes usarão branco, e embora o tecido seja bastante bonito no meu vestido - rendado com detalhes em pérolas - o design é constrangedor.

Todos os vestidos de debutante cheiram a Stepford.

"Esse é o ponto," minha mãe diz. "Tradição. Solidariedade. Comunidade. Unidade. Você está se assumindo como um membro da sociedade, e uma sociedade funciona com base em padrões." Ela alisa as mãos no tecido, pressionando quaisquer dobras. "Você precisa aprender que balançar o barco coloca todos que estão a bordo em perigo."

Mas é para isso que os barcos são construídos.

Eu suspiro, sem saber por que decidi deixá-la ganhar desta vez. Eu desisto, porque minha mãe escolhe suas batalhas, e qualquer batalha comigo que dure mais de três minutos demanda esforço demais.

Eu poderia brigar com ela sobre isso. Talvez eu brigue um dia.

"Você precisa de um Valium ou algo assim?" ela pergunta.

Eu rio baixinho e desvio o olhar. Gigi Collins, pessoal.

Presidente, socialite e presidente do conselho escolar.

Ela estufou minhas mangas e depois pressionou minha barriga com a mão. "Hmm."

"O que?"

Ela franze os lábios e anda em volta de mim, inspecionando. "Eu ia pedir para que ela diminuísse para 36, mas 38 já está apertado, não é?"

O calor se espalha pela minha pele e eu cerro minha mandíbula.

Seu telefone toca dentro de sua bolsa na cadeira, e ela se dirige para ele, me dispensando "Vamos deixar assim, eu acho."

Pegando sua bolsa, ela pega seu telefone e atende, passando por mim e saindo da sala.

Esfrego meus olhos, ouvindo-a tagarelar na sala de espera sobre se devemos ou não ter um local de crepe para o lanche da manhã de Páscoa da minha escola daqui a dois meses.

Olhando para cima, eu olho para minha saia enorme no espelho, entediada com todo esse visual que vai viver para sempre e voltar para me assombrar nos próximos

anos.

Não quero que minha filha ria ao ver as fotos.

Eu levanto a saia, me encolhendo nas meias brancas e nos saltos de cetim horríveis, e então eu giro, observando a parte de trás do meu vestido e a amarração desconfortável do espartilho que deveriam ser botões ao invés disso.

Deus, eu deveria ter tomado aquele Valium. Por que diabos eu quero fazê-la feliz quando ela quer ferir meus sentimentos assim?

Mas eu sei por quê. Em alguns meses, irei para a faculdade. Longe de tudo. Me graduando. Indo embora.

Todo mundo vai embora. *Todo mundo...*

De pé e ereta, eu encaro os espelhos novamente, mas então uma porta se fecha em algum lugar da loja, e eu congelo.

Não era a porta da frente, pois ela tem uma campainha. Era a porta dos fundos – pesada e grossa – o clique da trava tão alto que posso ouvir daqui.

Meu coração bate mais rápido e, em um momento, seus olhos nas minhas costas aquecem minha pele.

Todo mundo...

Eu olho para cima, encontrando os olhos de Olivia Jaeger enquanto ela se inclina contra a entrada que leva ao provador, olhando para mim.

E de repente, minha pele fica muito quente.

Ela segura sacolas de lona cheias de tule e fitas, seus óculos estilo avião apoiados no topo de sua cabeça enquanto ela claramente luta para conter sua diversão.

Seu turno terminou há mais de uma hora. Eu pensei que ela já tinha ido embora.

"Venha aqui", digo a ela.

Ela solta as sacolas e vem para a minha frente, me encarando. Eu olho para a minha colega de classe, minha companheira de equipe, e a única coisa que eu ainda desejo.

"Prenda a bainha," eu ordeno a ela. "Ainda está se arrastando, então diminua mais 25 centímetros."

Com as mãos nos quadris, ela hesita como se fosse uma escolha e, em seguida, fica de joelhos, puxando um alfinete da almofada presa ao seu pulso. Mas antes que ela agarre o vestido, eu o afasto dela. "Lave as mãos primeiro."

Eu balanço minha cabeça enquanto ela me lança um olhar. Tipo, sério. Se ela aprendeu alguma coisa cruzando os trilhos para St. Carmen todos os dias para frequentar uma das escolas mais prestigiadas do estado nos últimos três anos e meio, deve ser algum bom senso. Eles certamente ensinam isso em Marymount. Levantando-se, ela caminha até a mesa redonda e puxa um lenço de papel do pacote, limpando os dedos.

Os Jaegers nasceram com graxa sob as unhas, então é melhor prevenir do que remediar. Além de cortar a grama e cortar as cercas de St. Carmen, seus irmãos também possuem parcialmente um lixo de restaurante no lugar onde moram, vendem drogas, consertam carros e motocicletas e se envolvem em agiotas. Ok, talvez a parte de 'vender drogas' seja apenas um boato. A família inteira é suspeita, no entanto. Especialmente com o poder que exercem como protetores não oficiais da Baía de Sanoa, sua pequena comunidade oculta nos pântanos. Tryst Six são como eles são chamados. Há seis irmãos, mas não tenho ideia de onde vem a parte Tryst. Eles ainda têm um pequeno logotipo adorável. Insira uma revirada de olhos.

Aproximando-se de mim novamente, ela se abaixa, soprando do rosto a mecha de cabelo que se soltou do rabo de cavalo e dobra a bainha, prendendo-a.

O cabelo cai para trás em seu rosto e meus dedos tocam minha perna, lutando contra o desejo de mover a mecha atrás da orelha para ela.

"Depressa," digo a ela.

Eu inclino minha cabeça para trás e aliso meu próprio cabelo em um punho no topo da minha cabeça, enrolando-o em um coque e prendendo-o. Eu me olho no espelho.

Seus dedos puxam suavemente o tecido enquanto ela se move para o próximo ponto, e meu coração bate mais forte, todos os poros do meu corpo esfriam com um suor repentino.

Eu abaixo o olhar novamente, observando-a aos meus pés.

Seu short jeans. A pele morena escura de suas pernas tonificadas brilhando à luz do lustre. Eu levo meu olhar para seu rabo de cavalo preto bagunçado e a tonalidade vermelha de seus lábios enquanto ela morde o lábio inferior, concentrando-se em sua tarefa. As laterais da sua camisa de flanela quadriculada em preto e branco se abrem e eu paro no V baixo de sua T-shirt cinza enquanto ela se curva entre a pele lisa e sem poros de seu peito.

Eu levanto meu queixo, olhando no espelho novamente. Ela está ao menos usando sutiã, pelo amor de Deus?

Ela levanta minha saia até os tornozelos e dá uma espiada. "Você deveria trocar essas meias", ela me diz, voltando a prender. "E esses sapatos, para falar a verdade."

Eu me viro um pouco, levantando meus ombros e tentando decidir se o vestido fica melhor com meu cabelo preso ou solto "Imagine a que ponto o mundo chegaria para que eu aceitasse os conselhos de moda de um lixo branco, limpadora de tapete e rata de pântano como você", respondo.

Suas botas de couro preto e cano alto são fofas e tudo, mas tenho certeza de que tudo o que ela está usando é o que ela conseguiu com as roupas de segunda mão de alguém. Sinto seus olhos em mim e olho para baixo, vendo um pequeno brilho em seus olhos, como se estivesse se divertindo, mas principalmente um aviso de que ela está fazendo uma anotação mental de todas as merdas que eu digo a ela para descontar em algum momento.

Estou tremendo de medo de você, Liv. Tô mesmo.

"Se eu tirar as meias," eu explico. "Não estarei bem vestida. As mulheres em meu mundo são damas, Olivia."

"Você vai sentir elas nas pernas, no entanto." Ela olha de volta para sua tarefa. "Isso mudará a maneira como você anda."

"O que vai mudar? O suor pegajoso e nocivo da Flórida na primavera nas minhas coxas nuas?"

O baile da debutante é em maio. A umidade será um pesadelo, apesar do salão de banquetes ter ar-condicionado. Como se ela soubesse de alguma coisa.

"Está com medo de eu estar certa?" ela provoca.

Eu rolo meus olhos. *Por favor, até parece.* A única coisa que tenho medo é de perder tempo.

Mas eu fico lá, deixando meu cabelo cair nas minhas costas novamente, e a observo.

Não tenho certeza do porquê, mas eu tiro meu meu pé do salto alto e coloco a sola do meu pé em seu joelho.

Prove, então.

Inclinando a cabeça para trás, ela olha para mim, seus olhos castanhos mel sem piscar. "Não posso me curvar com esse vestido", digo a ela.

Pegando a saia em minhas mãos, eu começo a puxá-la para cima, passando dos joelhos e subindo pelas coxas, até onde a liga prende as meias.

Ela sustenta meu olhar por mais um momento, e então ela estende a mão, desatando os cliques.

As pontas dos dedos dela roçam a pele da parte interna da minha perna, e meu

corpo se solta, arrepios estourando por toda parte. Eu respiro fundo e ela olha para mim, tão imóvel quanto eu.

"Não tenho o dia todo", repreendo, tentando esconder minha reação.

Seu peito sobe e desce lentamente, e então ela tira a meia da minha perna e do meu pé, seguida pela outra, ambos os meus sapatos espalhados pelo chão com os nylons.

Caminhando para uma prateleira próxima, ela examina os saltos e pega um par, apontando para a cadeira perto do espelho.

Cedendo a ela, eu desço do degrau e me sento enquanto ela se senta no chão e procura meu pé direito sob o vestido. Subo a saia novamente enquanto ela calça o salto, quase me divertindo por ela se recusar a olhar. Eu sei que ela quer. Minhas pernas são uma das melhores partes do meu corpo. Ela já olhou para elas antes.

É incrível que ela tenha me suportado como capitã da equipe de lacrosse este ano, especialmente quando ela é provavelmente a melhor jogadora, e eu não facilitei nada para ela.

Mas é assim. Esforço, foco, trabalho duro ... eles significam muito pouco quando você tem sorte como eu. Santos não se misturam com o lixo do pântano e, embora Reva Coomer seja a treinadora, eu sou a líder. Todo mundo *me* segue.

Eu olho para ela enquanto ela amarra os saltos em mim, o pequeno sinal em seu rosto, entre sua orelha e a cavidade de sua bochecha, trazendo a cor dourada em sua pele. Eu nunca percebi isso antes.

Ela coloca meu pé de volta no chão e eu respiro fundo, me levantando e voltando para o degrau novamente. O vestido esfrega contra a pele sensível das minhas pernas, agora nuas, e é como se cada centímetro do meu corpo estivesse vivo e consciente de si mesmo.

Quase como se estivesse nua na minha cama, apenas sentindo os lençóis.

Segurando minha saia, eu me olho no espelho, os saltos dourados com as tiras finas de joias fazendo minha pele brilhar, e luto para não sorrir, porque me sinto e pareço muito melhor assim do que os outros sapatos.

No entanto ...

"Eles não combinam com o vestido", digo a ela.

Mas não estou surpresa que ela seja tão ruim nisso, dada a porcaria de roupa que usa.

Eu alcanço minhas costas, tentando desamarrear o espartilho.

"Você está certa", ela diz. "Você precisa de um vestido novo agora."

Eu quase bufo. Bem, nós concordamos com isso.

Incapaz de alcançar os cadarços, porque o espartilho é muito apertado para que eu consiga me mover, eu me viro, plantando minhas mãos nos meus quadris.

"Desamarre-o."

Ela dá um passo à frente, puxando o arco e afrouxando o espartilho, para que eu possa empurrá-lo para baixo e para fora do meu corpo.

"Diga a Lavinia para me ligar quando as alterações estiverem feitas", eu instruo, "e diga a ela para diminuir um tamanho."

"Coube perfeitamente em você."

"Para 36, por favor", Eu a corto enquanto pego o vestido do chão. "E remova esta flor." Eu aponto para a que está no centro do corpete. "Estamos reaproveitando vestidos de noiva de 1982 ou algo assim?"

Mas ela não está prestando atenção. Ela se afasta e me encara, e quando se vira e verifica meu reflexo no espelho, sigo seu olhar.

A saia rodada simples me envolve, fina e sem laços, babados e rendas, enquanto

o corpete branco sem alças abraça meus seios com força demais e cobre meu estômago, deixando um centímetro de pele entre ele e minha saia.

Se não fosse óbvio que eram roupas íntimas, elas poderiam ser atraentes.

"Eu poderia fazer isso para você", diz ela. "Mas melhor."

Ela se move, colocando a mão na minha barriga, e eu ignoro o salto em meu coração. "Talvez um pouco mais transparente aqui com alguns bordados", ela explica, "junte-os e adicione camadas para dar dimensão. Aperte o corpete com alguns detalhes leves e sutis de ouro e rosa para complementar os sapatos..."

Eu visualizo isso em minha cabeça enquanto olhamos para mim no espelho.

Por alguma razão, não tenho dúvidas de que ela ganharia se eu deixasse, e eu até adoraria.

Se eu deixasse.

Ela vira os olhos para mim novamente, parando na minha frente e olhando para cima e para baixo no meu traje. "Podemos mantê-lo neste mesmo tom de branco. É a cor perfeita, na verdade." Ela encontra meus olhos, olhando para mim com firmeza. "Você nem vai ver a mancha de esperma quando ele ejacular bêbado em cima de você no banco de trás do carro dele depois do baile", diz ela.

O nó sempre presente em meu estômago se aperta mais, e eu mantenho seu olhar firme. *Como é que é?*

"Porque as mulheres do seu mundo não falam sobre essas coisas." Um sorriso surge no canto de sua boca enquanto ela se aproxima, sussurrando: "Você simplesmente vai para casa em lágrimas e faz coisas com uma ducha que Deus não planejava que as doces garotinhas do sul fizessem, certo?"

Meu sangue corre gelado, e cerro os dentes, o calor de sua respiração a uma polegada de distância, batendo em meus lábios enquanto fecho meus dedos em punhos.

"Experimente isso hoje à noite", diz ela, olhando para a minha boca. "Você pode gostar."

Ela arranca o vestido da minha mão, e eu respiro fundo enquanto a observo, sem hesitar, recuar do degrau e sair.

Deus, eu odeio ela. Eu a vejo desaparecer, sem uma resposta inteligente saindo da minha boca antes que ela vá embora, e eu fico ali parada me sentindo estúpido.

Ejacular bêbado... Ela está falando sério? Eu nem tenho uma ducha. Eu levanto meus olhos para o espelho novamente, a excitação que eu quero sentir pelo baile ou por qualquer coisa não é nada além de uma batida forte no meu peito que me deixa doente. E é quase como se ela soubesse disso. Como se ela soubesse que algo está errado.

Liv Jaeger tem sido uma pedra no meu sapato desde o dia em que a conheci, mas às vezes nem tenho certeza do que me incomoda tanto sobre ela. Ela permanece na dela, não é?

Mas eu adoro provocá-la. Eu amo isso.

Arrancando as roupas íntimas e chutando-as para o lado, procuro o Valium em minha bolsa e coloco dois comprimidos em minha mão. Jogando minha cabeça para trás, coloco-os na boca e engulo em seco antes de me vestir rapidamente.

Eu tenho que sair daqui.

Tirando meu moletom cinza da bolsa, coloco-o e pego meu equipamento, rastejando para o saguão. Minha mãe está parada na calçada, conversando bastante ao telefone. Alguém deve estar animado com toda a ideia do crepe, eu acho.

Eu saio furtivamente pelos fundos, empurrando a porta do beco e não vejo Lavinia ou Liv enquanto faço minha fuga.

Puxando minha garrafa de Evian, eu termino o resto da vodka, jogando-a em uma lixeira quando passo.

Eu a odeio. O baile será especial. Eu vou me divertir. Essa é quem eu sou.

Eu tenho sorte.

Eu respiro, enchendo meus pulmões enquanto puxo meu capuz para cima e abaixo minha cabeça, andando pelas ruas escuras. Eu desligo meu telefone, para que minha mãe não possa me rastrear, e coloco minhas mãos no bolso.

Eu atravesso o parque Bainbridge, avistando um grupo de caras vadiando pelo banheiro. O skatista que vende smack acena com a cabeça para mim, e eu aceno de volta, passando por ele. Desço a colina para a rua Edward.

Parando em frente à enorme casa de estuque cor de creme e decorada como uma cabana, olho à minha volta e vejo a rua vazia, escura, iluminada apenas por lâmparinas.

Nenhum carro passa pelo bairro. Todas as famílias estão dentro das suas casas.

Puxando o meu capuz para baixo, esgueiro-me pela lateral da casa, vejo a luz do porão acesa, e me abaixo, empurrando uma das janelas e escorregando para dentro do lugar antes que alguém me veja.

Desço, os refrigeradores gelando a sala, fazendo com que minhas pernas fiquem arrepiadas, e as minhas narinas piniquem instantaneamente com o cheiro dos líquidos de limpeza utilizados aqui regularmente.

Esfrego o meu polegar sobre a pequena tatuagem no interior do meu dedo, sentindo como se estivesse respirando pela primeira vez durante o dia todo. É estranho como esse cheiro se tornou um conforto. Graças à ventilação fantástica e aos fortes desodorizantes, eu nem saberia que havia algo se "decompondo" no refrigerador neste momento se eu não estivesse aqui quando ele chegou há uns dias atrás.

Eu ando até a mesa no final da fileira, sentindo meu coração começar a martelar no meu peito. Uma menina está deitada na placa de concreto, com metade do corpo coberto por um lençol, e a marca do furo do embalsamamento fica logo abaixo da queimadura da corda em volta do pescoço. Eu li sobre ela na internet hoje. Achei que ela já estaria aqui.

Seu cabelo vermelho e molhado está colado em sua cabeça, e eu agarro a lateral da mesa, tocando seus dedos gentilmente. Suas unhas estão cobertas de esmalte rosa descascado que parece ser de uma marca barata que você compra no supermercado.

"Você a conhecia?" Eu ouço alguém perguntar.

Não preciso me virar para reconhecer a voz de Sylvia Gates. Proprietária da Wind House, a única casa funerária da cidade.

Eu olho fixamente para o pescoço da garota, absorvendo a imagem do momento em que a garota colocou a corda em volta dele.

E o que provavelmente a levou a fazer isso.

"Ela estudava em escola pública." Eu forço minha voz a ficar firme. "Mas eu já a vi pela cidade."

Ela tem quase a minha idade - um ano mais nova, eu acho. *Será que Liv a conhecia?*

A Sra. Gates anda até o outro lado da mesa com seu uniforme limpo. "Você não precisa estar aqui, Clay."

Ela está preocupada que eu seja descoberta por estar aqui, e então ela terá que explicar aos meus pais por que ela me deixa entrar aqui pelo menos uma vez por semana.

Que se foda. Eu não quero estar em casa, de qualquer maneira. Eu tiro meu capuz e prendo meu cabelo em um rabo de cavalo, pronta para trabalhar enquanto respiro fundo e expiro.

Vou ter que consertar o esmalte dela. Eu adoraria mudar a cor, mas se ela está usando, deveria gostar, então acho que devo honrar seu estilo. Tenho certeza de que tenho algo igualmente horrível em minha coleção de esmaltes de quando eu tinha doze anos que posso usar nela.

Eu arregaço as mangas e começo a trabalhar, sentindo meu coração se acalmar

novamente enquanto me ocupo. Mas meus pensamentos ainda estão *nela*.

O que Olivia Jaeger diria se me visse agora?

Talvez fosse a única vez que ela não conseguiria dizer nada. Às vezes, sinto que quero que ela me conheça. Às vezes, não quero que ela saiba de nada *além* de mim.

E às vezes, fico feliz que ela não tenha a menor ideia de nada sobre mim.

Two

OLVIA

EU DESÇO da parte traseira da moto e desamarro a alça embaixo do meu queixo. "Obrigada", eu digo a Iron.

Eu jogo o capacete entre as pernas do meu irmão, mas ele apenas dá uma tragada no cigarro, olhando ao meu redor – para o que está atrás de mim e para o que está na minha frente de mim - com as pálpebras semifechadas.

Eu agarro as alças da minha mochila. "O que?"

Ele hesita por um momento, olha para baixo e balança a cabeça enquanto dá outra tragada. "Eu só aceito o Macon estar pagando por este lugar porque eu sabia que você não estaria interessada nos caras te comendo com os olhos nessas saias curtas."

O cheiro das plantas cornus que cobrem a passarela até a escola sopra na brisa da manhã e, embora ainda seja fevereiro, posso dizer que estão prestes a florescer. O vento sopra através da plumeria que já está decorando o campus, e os alunos andam pelo estacionamento, enquanto outros descem dos carros e saem para várias reuniões de esportes ou clube antes da aula.

Calafrios se espalham por minhas pernas nuas ao sentirem a brisa do ar. A chuva está vindo. "E quanto às mulheres me olhando?" Eu provoco. "Está preocupado com elas?"

"Estranhamente, não." Ele brinca. "Elas não podem engravidar você."

Eu zombo, olhando para a direita e vejo alguns alunos descendo a calçada na nossa direção e na frente da escola.

Clay Collins encontra o meu olhar quando ela passa com sua mochila cinza Fjällräven, com pequenos polvos rosa desenhados no bolso da frente, e ela se esforça ao máximo para parecer entediada e impaciente. Mas o sorriso travesso em seus lábios me avisa que ela se divertiu muito na loja de vestidos na noite passada. Nós não terminamos.

Nós nunca terminamos.

Seu olhar se dirige para Iron, e eu me viro para ele, vendo seus olhos fixos nela também enquanto ele fuma o resto de seu cigarro. Mas, embora ele esteja bem ciente de que ela me humilha, ele parece estar tendo ideias de todas as coisas que poderia fazer com ela em um quarto escuro.

Ou em um banco traseiro de um carro.

Idiota.

"Você aceita que o Macon pague por este lugar", eu digo, "para que você possa comer com os olhos as garotas católicas em suas saias curtas quando você vem me deixar todos os dias."

"Ela já deve ter dezoito anos agora, não é?" Eu balanço minha cabeça. "As heroínas dos filmes de Natal do Hallmark não fazem o seu tipo."

"Todas fazem o meu tipo quando estão nuas."

Que nojo. Eu recuo, virando o dedo do meio para ele. "Vejo você depois da escola."

Mas ele balança a cabeça, me parando. "Não. Venha aqui." Ele joga o cigarro, a guimba ainda queimando quando cai na entrada da escola. "Pode ser isso."

Ele estende o braço, um sorriso caloroso e arrogante em sua boca.

Eu suspiro, meio revirando meus olhos antes de voltar e abraçá-lo.

Pode ser isso. O lema da família Jaeger. O aviso Tryst Six, como você quiser chamar isso.

O falecimento de nossos pais foi um choque tão grande que fazemos questão de nos lembrar de não brigarmos agora.

Para não perder tempo.

Para não deixar nada sem ser dito.

Pode ser isso. A última vez que nos vemos.

"Se cuida", murmuro em seu ouvido, baixando os olhos para a tatuagem em seu pescoço. É o mesmo símbolo que fica pendurado na parede de nossa casa na garagem e que decora a pulseira de couro que todos os Jaegers usam. Uma cobra enrolada em uma ampulheta.

Ele me abraça com força por mais um momento e depois me solta. "Você também."

Um olhar, um sorriso, e então ele sai sem um capacete na cabeça e os cotovelos marcados com feridas visíveis saindo da sua camiseta preta, uma amostra da última vez que ele andou com sua motocicleta. Eu o observo até que ele saia do estacionamento, vire à direita e desapareça na rua.

"Oi, Liv", alguém grita.

Eu dou uma olhada para ver Maria Hoff passando enquanto eu coloco meus fones de ouvido em meus ouvidos.

Eu resmungo e fico na fila com os poucos outros alunos que estão entrando na escola. Ela só está sendo legal comigo, porque houve um suicídio de uma estudante de escola pública alguns dias atrás. Allison Carpenter - Alli para abreviar. Todo mundo aqui parece pensar que todo gay se conhece, então ela provavelmente pensa que perdi uma amiga.

Eu conhecia Alli - cidade pequena e tal - mas não a conhecia. Ainda assim foi terrível o que aconteceu. E isso acontece com muita frequência

Mas não para mim. Estou quase acabando de sobreviver a eles. Só mais alguns meses.

Eu entro pelas portas da frente, seguindo pelo corredor. "¿Qué te gusta hacer?" Repito com meu aplicativo Rosetta Stone. "¿Qué te gusta hacer?" Eu empurro minha língua para trás dos dentes, tentando formar as sílabas com uma pronúncia que corresponda à voz no meu telefone. "Te ... gusta ...?"

Maldita Aracely. Da próxima vez que alguma ex dos meus irmãos me chamar de merda em espanhol, quero saber o que eles estão dizendo. Acho que já deveria estar falando. Eu sou ¼ cubana. Ou talvez 1/8 cubana, não tenho certeza. A única coisa de que minha família se orgulha é o outro quarto - ou oitavo - de sangue Seminole que nos mantém em nossa terra.

Sangue que também foi útil quando me inscrevi em Marymount, quatro anos atrás. Um pouco de diversidade parece bom nos relatórios anuais de responsabilidade da escola, e até reduziu um pouco o custo das mensalidades para mim quando ganhei a bolsa escolar.

Quer dizer, acho que *não ganhei*. Eu fui a única que se inscreveu, mas mesmo assim.

Eu passo pelo meu armário, viro a esquina e empurro a porta do vestiário feminino.

"¿Cual es son tu pasatiempos?" Repito, abrindo meu armário do vestiário e guardando minha mochila dentro. Pego minha saia escolar e blusa polo preta, sacudindo

o amassado e pendurando-as no gancho por dentro, sentindo as meninas ao meu redor se virarem para rapidamente colocarem suas roupas de treino e se cobrirem.

Eu aprendi há muito tempo atrás, antes mesmo que a mãe da Clay e o resto do conselho escolar gastassem mais de cinquenta mil para uma transformação completa dos chuveiros do vestiário para dar a todas nós cabines privadas "pensando no melhor para todos", que era melhor simplesmente criar uma rotina que me colocasse o mínimo possível nessas situações. Venho para a escola de calça legging e regata nos dias de treino. Eu me troco em uma barraca depois da escola antes dos treinos. Vou para casa com minha roupa suja depois e tomo banho lá.

“¿Cual es son tu pasatiempos?” Eu repito novamente, tentando agir alheia aos olhos em mim prontos e à espera para relatar ao Padre McNealty se eu cobiçar seus corpos como uma pervertida hipersexual.

Eu tiro minha jaqueta e coloco meu telefone no bolso da legging na lateral da minha coxa antes de fechar meu armário.

“Tu pasa...” Eu digo minhas vogais para mim mesma e me dirijo para a sala de musculação.

As aulas começam em uma hora, mas o time de lacrosse tem treinos às segundas e quartas-feiras. O time de futebol já acabou os treinos do ano inteiro, o time de basquete e times de beisebol treinam às terças e quintas-feiras, e o time de nataação faz a maior parte de seus treinos na piscina.

Alguém aparece ao meu lado enquanto eu passo pelos chuveiros. "Quer biscoitos Thin Mint?" Ela pergunta e enfia um rolo de biscoitos com embalagem prateada no meu rosto.

Eu franzo as sobrancelhas, mal olhando para cima para ver Becks ao meu lado. "Isso não é café da manhã."

É claro que eu não tinha comido nada ainda, mas tinha certeza de que não comer nada era melhor do que comer porcaria quando estava prestes a malhar.

"Qual é. Não pode ser pior do que donuts. Quer dizer, quem decidiu qual comida de café da manhã deveria ser comida de café da manhã, afinal?" Becks pega duas toalhas da mesa e joga uma para mim. "Quer dizer, talvez presunto não combine com ovos. Talvez oito biscoitos Thin Mints tenham a mesma quantidade de carboidratos que você encontraria em um copo de suco de laranja. Talvez o cereal tenha sido inventado como um deleite noturno, mas eles brilhantemente decidiram que 'ei, isso é perfeito para o café da manhã quando as pessoas estão com pressa'".

Eu levanto uma sobrancelha. "O cereal foi inventado porque John Harvey Kellogg acreditava que os flocos de milho impediriam os americanos de pecar e se masturbar."

Sua risada rapidamente se transforma em em engasgo enquanto ela engole pelo buraco errado e tosse para limpar a garganta.

"Como... como você sabe disso?" ela pergunta, ainda rindo.

Eu dou de ombros. "Esta é uma escola muito boa."

Seu peito treme enquanto ela ri mais forte, e bato minha mão na porta do vestiário.

"Vamos," eu digo a ela. "Já estamos atrasadas."

E a treinadora não é quem está marcando o tempo também. A última coisa de que preciso esta manhã é uma conversa de bocetas gigantescas com o capitão do nosso time. Eu tive minha dose disso ontem à noite.

Indo para a sala de musculação, os sons de halteres batendo e pesos caindo enchem o ar, e eu pego um dos biscoitos da Becks e coloco na minha boca. Ela sorri e vira para a esquerda, jogando o pacote ainda meio cheio na lata de lixo enquanto eu sigo em frente, pelo corredor central e em direção ao elíptico.

“¿Cual es son tu pasa... tiempos?” Murmuro para mim mesma, sentindo olhos em mim, mas me recuso a olhar. “¿Tiempos?”

Eu pulo na máquina, propositalmente sem fazer contato visual com ninguém, a não ser para olhar Becks e vê-la pegar alguns pesos leves na frente dos espelhos, apenas três ou quatro repetições completas antes de ela tirar uma selfie ou começar a falar com alguém. Ela fica mexida por minha causa de vez em quando, e gosto de ter certeza de que sei quando isso está acontecendo.

Ela seria uma boa amiga, se tivéssemos algo em comum.

Por enquanto, gostamos de ser colegas - o tipo de amiga que se aproxima quando nossos amigos de verdade não estão por perto. Quando há uma festa e precisamos de alguém para conversar. Ou alguém com quem almoçar.

Não ligamos uma para o outra nem trocamos mensagens, mas estou feliz por tê-la e por ter algumas pessoas com ideias semelhantes às minhas que tornam este lugar um pouco mais suportável. Becks tem dinheiro, mas não o usa como escudo para humilhar as pessoas como Clay Collins e seus amigos fazem.

Depois de trinta minutos de cardio e terminando três aulas de espanhol, vou até uma máquina de musculação, ajusto o peso para dezoito quilos e puxo para baixo a barra atrás de mim, trabalhando meus ombros.

"Ainda não está provocante", ouço alguém dizer atrás de mim. "Mas ficará."

Eu toco meus fones de ouvido, tentando iniciar a próxima lição. Está pausado? Nenhum som é sai dos fones.

"Nenhum desses vestidos é provocante", diz Krisjen Conroy. "Eu teria queimado o meu se não fosse uma herança de família."

"Herança ou não, vou queimar esse maldito vestido antes que Gigi Collins tente forçar minha filha a usá-lo algum dia."

Clay. E aquele vestido de debutante horrível que eu adoraria queimar para ela, mas foi muito divertido vê-la amarrada com ele ontem à noite.

"Callum vai acompanhar você?" Amy Chandler pergunta a ela.

"Alguém tem que fazer isso."

Eu balanço minha cabeça um pouco, como se isso fosse abafar suas vozes, toco nos meus fones de ouvido novamente. Que porra é essa?

"Qual é", diz Krisjen. "Ele gosta de você."

"E você está prestes a ir para a faculdade", Amy murmura enquanto corre. "Viva."

Eu aperto meus punhos ao redor da barra, meus braços largos enquanto a abaixo lentamente e depois volto para cima.

"Vou viver isso", diz Clay em voz baixa, provocando. "Com alguém que garanta que a única maneira de eu sair de sua cama quando ele terminar é engatinhando. Alguém com um peito parecido com uma parede de tijolos e um pau, não uma criança."

Uma risada borbulha do meu peito, mas eu a abafo rapidamente. Eu a odeio e odeio rir de seu senso de humor, mas também odeio seu brinquedinho, Callum, e a piada foi às custas dele, então posso rir disso. Minha mandíbula relaxa.

Amy continua com a fantasia. "Alguém que tem cheiro de Deus do mar e se chama ..."

"Gabriel", acrescenta Clay.

"Gabriel." Krisjen suspira, parecendo sonhadora.

"Mas 'Gabriel' quer uma mulher experiente", Amy a avisa.

"Gabriel não quer me quebrar com a péssima pegada de outro homem,"

Clay fala. "Ele vai me ensinar tudo."

Minhas companheiras de time riem umas das outras, e eu apenas reviro meus olhos enquanto me dirijo para o supino e deito no banco.

Este Gabriel parece um sonho. Ele vai transformá-la em uma mulher de verdade e ensinar a frágil donzela a tomar seu homem com silêncio e um sorriso. Deus, ela é patética.

Uma imagem de Clay Collins, nua e disposta, enquanto ela envolve seus braços e pernas em torno de algum idiota musculoso, suado, misógino e sem cérebro envolve minha mente e de repente eu sinto como se tivesse cabelo na minha língua.

Sem pensar, eu abaixo meus olhos do teto, olhando diretamente para ela. Seus olhos azuis já estão em mim enquanto ela corre na esteira. Por que ela está me encarando? Fios de cabelo loiro solto batem em seu rosto, sua pele brilhando com uma leve camada de suor e, por um momento, não consigo me mover.

Por um momento, ela é linda.

“¿Cual es son tu pasatiempos?” uma voz ressoa em meus ouvidos.

Eu me assusto, percebendo que os fones de ouvido voltaram a funcionar e meu tutorial de aula de espanhol continua. A dor em meus braços aumenta, e eu ainda tenho a barra suspensa acima de mim, e não sei há quanto tempo ela está lá.

Eu limpo minha garganta, engulo e abaixo os pesos e, em seguida, rapidamente empurro de volta enquanto um suor frio cobre minhas costas.

“¿... Cual es son tu pasa... tiempos?” Eu murmuro, tentando colocar minha cabeça de volta nos trilhos. “Ti-emp-os.”

"O que você está fazendo?" Eu olho para cima, parando apenas por um momento quando vejo que é Megan Martelle. Ela sorri para mim, uma prancheta em uma mão e seu rabo de cavalo loiro mais branco do que o dourado de Clay. Ela auxilia no departamento de educação física, tendo se formado no ano passado; mas, por algum motivo, ela continua fazendo parte dos dezoito por cento dos formandos da Marymount que não avançam para a Ivy League.

Ela ainda tem tempo, no entanto. Ela tem apenas dezenove e muitas pessoas fazem um ano sabático.

Eu continuo as minhas repetições, soprando o ar para fora da minha boca. “Tentando aprender espanhol.”

"Sozinha?"

"Sim, porque não?" Ela inclina a cabeça, me estudando, e eu não sei se é a maneira como seus olhos se demoram em mim ou o sorriso que ela tenta conter, mas eu abaixo meu olhar, a consciência pinicando minha pele.

“Sim,” ela finalmente diz. “Por que não, né?”

Colocando sua prancheta para baixo, ela se move atrás de mim, colocando um punho na barra para apoio. “Posso dar uma sugestão?”

Eu encontro seus olhos, ainda ciente da presença de Clay a três metros de distância.

“Separe mais seus punhos,” ela me diz, segurando a barra enquanto eu separo meus punhos até que eles toquem os pesos. “E endireite seus pulsos. Você está colocando muita pressão sobre eles. ”

Eu faço o que ela diz, as conversas acontecendo ao redor da sala enquanto eu abaixo a barra novamente e a levanto de volta.

"Tá doendo um pouco mais agora?" ela provoca, olhando para mim.

Eu concordo. "Sim."

"Que bom."

Eu continuo enquanto ela anda em volta de mim novamente, e então sinto sua palma na minha barriga. Eu aqueço sob minha pele.

“Pressione a parte inferior das suas costas no banco, Liv,” ela instrui. Sua mão gentil faz minha respiração parar.

"Sente isso?" Ela pergunta, pressionando com mais força enquanto minhas costas atingem o banco. "Vai trabalhar seu abdômen enquanto você trabalha seu peito."

"Obrigada."

E com certeza, eu começo a sentir a queimação na minha barriga enquanto continuo minhas repetições.

Tomando posição atrás de mim novamente, ela me vê quando eu abaixo a barra e a empurro de volta, seu perfume fazendo cócegas no meu nariz, e não é nada desagradável.

Os passos ainda batem nas esteiras, um zumbido constante ao fundo, e eu respiro fundo, enchendo meu estômago, antes de expirar bem devagar. Meu corpo queima, meu estômago esfria com o suor e posso sentir um filete entre meus seios no sutiã esportivo.

"Acho ótimo que você esteja aprendendo um novo idioma", diz ela.

Eu olho para ela, sem parar. "A ex do meu irmão gosta de gritar comigo em espanhol. Eu quero saber o que a vadia está dizendo."

Ela sorri, soltando uma risada, e eu olho para seus lábios carnudos e rosados. Eles se parecem com chiclete.

Seus braços abaixam comigo, e ela pressiona, me segurando lá. "Mantenha abaixada."

Euairo a barra alguns centímetros acima do meu peito, meus cotovelos travados em um ângulo de noventa graus.

"Tudo bem?" Ela levanta as sobrancelhas em preocupação. Eu aceno, meus músculos gritando um pouco. "Sim."

Finalmente, ela me solta e eu continuo, levantando a barra novamente. "Tantas pessoas da nossa idade não têm ambição de crescer", diz ela em voz baixa, com os olhos nos meus movimentos. "Para continuar aprendendo."

Ela inclina a cabeça novamente, encontrando meus olhos com um sorriso nos dela, e há algo muito suave na maneira como ela me olha e tenho certeza de que ela quer meu número de telefone.

A ideia pode valer a pena. Ela é bonita, e talvez eu me sinta atraída por ela.

Eu estudo seu rosto, por um momento. Sim. Estou atraída.

Mas também vou me formar em alguns meses. A última coisa que preciso me apegar a alguém. Passei quase quatro anos aqui sem encontrar um motivo para ficar, mesmo que eu esteja um pouco intrigada com ela.

Afinal, eu a conheci quando ela era estudante. Ela era popular. Gentil. Quieta. Raramente nos falávamos, mas as coisas mudaram este ano, quando ela assumiu o cargo aqui. Todos os amigos dela foram para a faculdade e ela parece estar procurando por novos. Sem suas amigas ao redor, ela começou a mostrar outros lados de si mesma. Ela é legal.

Mas há algo faltando dentro dela. Eu não sei o que é.

Ou talvez tudo sobre ela seja certo e algo faltando dentro de mim. Eu não posso evitar. Eu gosto da loucura. Ela pode ser fogo ou gelo, eu não me importo, eu só preciso que ela seja um deles. E ainda melhor se for os dois.

Algo voa por nós, espirrando contra os espelhos atrás de Megan, e a água voa para todos os lados. Eu estremeço, as gotas atingem meu cabelo e viro o rosto, liberando a barra de volta para o lugar de apoio. Megan engasga. Que porra é essa?

Uma garrafa de água cai na lata de lixo e olho para baixo, vendo gotas de água fria em meu braço. Meu coração pula na minha garganta e eu viro minha cabeça, vendo Clay Collins se aproximando. Ela olha para Megan. "Você não tem a *nossa idade*", Clay a corrige. Então ela pega a prancheta de Megan e a joga para ela. "Avisaremos quando for a hora de carregar nossas coisas para o campo esta tarde."

Fico deitada no banco, sem me mexer enquanto a observo, quase me divertindo ao assistir seu pequeno jogo de poder. Megan era veterana quando éramos juniores. Uma veterana. Ela também é uma de nossas treinadoras. Clay leva isso em consideração antes de atacar? Nem um pouco.

Megan hesita por um momento, provavelmente avaliando se vale ou não a pena tentar denunciar o comportamento de Clay. Mas no final, ela percebe, como todos nós, que Clay pode ser uma pirralha mimada, mas ela é boa no jogo. É melhor apenas esperar que esse acesso de raiva acabe, em vez de atrair mais represálias.

Megan sai, seu rabo de cavalo molhado balançando atrás dela, mas ela lança um olhar para mim, um pequeno e suave sorriso em seus lábios antes de desaparecer pelas portas.

Então eu viro meu olhar para Clay.

"De que porra você está sorrindo?" ela me pergunta. "Sua equipe tá de olho em você. Está claro?"

Eu zombo enquanto me sento, pego minha toalha e me levanto, encontrando seus olhos a dois centímetros do meu rosto.

"Eu não deixaria você ficar de olho em mim nem por caridade."

Ela pode ser a capitã do meu time, mas a vadia nunca me protegeu.

Becks deixa uma risada escapar por trás de Clay, a carranca de Clay endurecendo como se ela tivesse acabado de fazer uma promessa em sua cabeça.

Mas eu nem pisco enquanto passo por ela e saio.

Eu sei que deveria apenas ficar quieta. Restavam apenas quatro meses e tudo.

Mas como a reta final encurta mais a cada dia, eu me importo cada vez menos.

Talvez eu queira ver se ela ainda tem alguma coisa nas mangas.

Eu a desafio. Eu realmente a desafio.

• • •

Corro pelo corredor do teatro da escola e empurro a porta. Jogo minha mochila contra a parede, minha saia xadrez azul e preta roçando nas minhas coxas enquanto corro.

Jeremy Boxer e Adam Sorretti carregam em seus braços madeiras e tecidos, e alguns galões de tinta pendurados em seus dedos quando eu os empurro e corro até a lista divulgando o elenco que já vejo pendurada no quadro de avisos.

Meu coração dispara. *Vamos lá, por favor.* As últimas oito horas de aula, exercícios e espera foram uma tortura, mas estarei mais nas nuvens do que um drogado pelo resto da minha vida se alguma coisa acontecer do jeito que eu quero nos próximos dois segundos.

Eu pressiono minha palma no quadro para me parar enquanto movo meu dedo indicador para baixo na lista, sem procurar meu nome primeiro. Eu paro, vendo *Mercutio*, e deslizo para a direita, com esperança, mas já sabendo a resposta antes mesmo de ver.

Callum Ames.

Eu deixo meu braço cair, lutando contra a vontade de chorar enquanto olho para a lista e expiro com força. Eu traço a linha de *Mercutio* para *Callum* mais três vezes apenas com meus olhos para ter certeza, antes mesmo de pensar em procurar meu nome na folha para ver se fui escalada para algum papel, apesar de ter perdido o papel que eu queria.

E aí estou eu. *Enfermeira Olivia Jaeger.*

Eu balanço minha cabeça e me afasto, me segurando apenas por um momento. *Vai se foder.* Eu disparo, minha decepção se transformando em raiva, coisa que eu sei que não vai me fazer bem, mas eu não vou deixá-la escapar dessa vez. Abro a porta do escritório da Sra. Lambert, encontrando-a vazia, e, em seguida, caminho pelo corredor, entrando nos bastidores e a vejo inclinada sobre uma mesa de desenho, examinando os projetos.

Eu me movo ao redor da mesa, parando em frente a ela. "Quatro anos", eu falo, retomando exatamente onde paramos da última vez que a diretora do teatro e eu tivemos essa conversa.

Ela olha para mim, seu cabelo castanho curto preso atrás das orelhas. Eu continuo. "Quase quatro anos de cenografia, costurando fantasias e fazendo qualquer tarefa escrava que você me pedia para fazer", digo a ela. "Passei mais tempo aqui do que com minha família."

"Você conseguiu um papel."

"De enfermeira?" Eu praticamente cuspi.

"Você não queria interpretar a Julieta."

"Romeu não teria querido a Julieta se ele tivesse passado mais de uma dança com ela antes de se casar com ela!"

Estou gritando com uma professora, mas sou mais próxima dela do que qualquer outra pessoa, então sei que ela vai me deixar escapar como uma mãe que ainda te ama, mesmo quando você estraga tudo.

Eu agarro a mesa de desenho em ambos os lados, perfurando seus olhos com os meus. "Mercutio é o personagem mais dinâmico da peça. Para poder reinventá-lo, quero dizer..."

E eu paro, não vendo sentido em dizer o que eu disse antes. A oportunidade de reinventá-lo seria a realização de um sonho. O que diabos Callum Ames poderia fazer além de ficar bonito em um tapa-sexo? E até isso é discutível.

Ela gira seus projetos na mesa. "A administração não permitirá que uma mulher interprete um papel masculino."

"Por que não? Eles passaram centenas de anos interpretando o nosso."

Ela me olha como se eu não estivesse ajudando com esse argumento e depois se dirige para outra mesa de trabalho.

Eu a sigo. "Ele é um cético, ele é rude, ele é cabeça quente ... Ele é o único com potencial de crescimento."

Ela ri para si mesma. "Um cético ..."

Sim, um cético. Eu percebo que isso não está na moda em uma escola católica, mas acho que ela percebeu que se está "na moda", então eu estou "fora".

"Por favor," eu pergunto, uma vulnerabilidade em meu tom que eu odeio ouvir de mim mesma.

"Não", ela responde.

"Eu mereço isso."

"Não." Eu fico lá, olhando para ela enquanto ela fecha seu laptop e pega sua caneca e bolsas.

Eu não posso interpretar a enfermeira. Eu não me importo se minha parte for pequena. Não é isso.

Mas eu sei o que posso fazer e no que dediquei meu tempo. Eu sei o que valho.

"Você ao menos perguntou a eles?" Eu cobro a ela.

A administração ao menos sabe sobre a oportunidade que eu gostaria de ter?

Ela para e olha para cima, endireitando-se. O olhar suave em seus olhos me diz que ela quer me fazer feliz, mas...

Ela não vai lutar por minha causa.

“Não há papéis reinventados”, ela fala novamente. “Sem fantasias reinventadas. Sem Mercutio.”

Ela sai e eu fico lá, não congelada - apenas cansada demais para me mover. Eu gostaria que ela estivesse dizendo a verdade. Eu gostaria que a administração realmente não tivesse dinheiro para uma transformação de Romeu e Julieta e realmente odiasse a ideia de uma menina interpretando Mercutio.

Mas eu sei a verdade. O problema não são minhas idéias. Sou eu. Eu tenho sido o grunhido nos bastidores em toda a minha carreira no ensino médio - pagando minhas dívidas e mostrando a eles que por mais que eles não gostem dos piercings em minhas orelhas, ou quantas vezes meu nome de família esteja na seção Policial do jornal - eu quero estar aqui. Estarei aqui todos os dias enquanto ela precisar de mim. Eu amo teatro. Eu quero fazer parte desse mundo no palco. Eu dediquei meu tempo - costurando fantasias, construindo cenários, sendo seu braço direito durante as audições e ensaios, e literalmente sendo o eixo em torno do qual tudo gira nas noites de apresentação.

Você precisa de algum alfinete? Venha aqui.

Você esqueceu sua fala? Ok, qual parte você interpreta? Eu conheço todos eles.

Dorothy está quase acordando e está desaparecida? Eu a vi beijando o Homem de Lata nas asas. Eu vou buscá-la.

Eu empurrei um carrinho de mão no fundo de *Fiddler on the Roof* e quase tive falas como substituta de North Winston quando ela interpretou Miss Scarlet em *Clue*, mas estou feliz que nunca deu certo. Eu queria ser a Sra. White de qualquer maneira.

Romeu e Julieta é minha última chance - foi minha última chance - de provar o que posso fazer antes de ser inevitavelmente rejeitada pelo departamento de teatro em Dartmouth.

Eu ouço a pesada porta do palco se fechando, os últimos membros da equipe saindo, o único som em todo o teatro sendo o sempre presente movimento do ar condicionado.

Meu telefone está na minha bolsa. Eu deveria ligar para Iron para me pegar, mas ainda não estou pronta para ir para casa. Saindo do palco, eu vagueio pelo corredor, sem saber realmente para onde estou indo até que vejo as prateleiras de fantasias retiradas do armazenamento que ficam do lado de fora dos camarins. Os reparos precisam ser feitos, bem como alguns precisam ser alterados para os atores que vão usá-las este ano, mas não posso evitar vasculhar as roupas, empurrando cada cabide para a esquerda enquanto observo a mesma merda velha de sempre. Não é como se minhas ideias fossem tão novas também. *Romeu e Julieta* foi readaptado várias vezes em *West Side Story*, *China Girl*...

A versão de Leonardo DiCaprio teria sido a número um na bilheteria do fim de semana de abertura se ele estivesse de meia-calça? Ok, talvez, mas a genialidade desse filme foi que ele foi reformulado para um público em constante mudança. Tiroteios, perseguições de carro, música rock, amor proibido... Não estou sugerindo muito que já não tenha sido feito.

Vejo um longo casaco preto - vitoriano, com torso ajustado e saia até a panturrilha - misturado com os trajes renascentistas e paro para analisa-lo.

Puxando-o para fora da prateleira, eu o seguro, paro apenas um momento e, em seguida, pego o babado no ombro esquerdo, rasgando-o. Eu faço o mesmo com o lado direito e deslizo o casaco para fora do cabide, deslizando meus braços nele. Eu abotoei, o corpete se encaixou perfeitamente, e então deslizei o elástico do meu pulso e puxei meu cabelo para trás em um rabo de cavalo alto, brincando com meu cabelo. Eu entro em um provador e aplico um pouco mais de delineador e sombra escura ao redor dos

meus olhos, vendo a cena na minha cabeça. *Nova york. Uma noite fria. Neve branca caindo contra um céu negro.*

O Príncipe Paris está em sua cobertura em algum lugar da cidade e buzinas buzina à distância, além do parque, enquanto o cabelo de Romeu chicoteia ao vento ao meu lado.

Meu amigo. Eu caminho para o palco, fico no meio e fecho os olhos.

Meu melhor amigo. A verdadeira outra metade de sua alma.

Eu giro ao redor do palco, o famoso monólogo de Mercutio saindo da minha língua, porque eu o tenho memorizado há anos. Mercutio é grande – um show por si só - e ele domina cada cena em que está, o casaco girando comigo, minha cabeça inclinada para trás e meus olhos ainda fechados enquanto o personagem lentamente incha em meu estômago.

“Esta é a bruxa,” eu continuo, sentindo meus olhos ficarem selvagens com fogo enquanto eu olho para minha amiga, “quando as donzelas deitam-se de costas,

Isso as pressiona e elas aprendem primeiro a suportar,

Fazendo-as mulheres de boa postura”

Eu suo, inspirando e expirando com força. “Essa é ela.” Eu grito. “Essa é ela!”

“Você é boa”, alguém grita. Eu congelo, minha respiração parando, e então eu me viro, vendo Callum Ames parado atrás de mim. Ele usa calças pretas justas e um polo azul escuro, todo o seu cabelo loiro escuro caído para o lado.

Eu estreito meus olhos. "Melhor que você."

Ele sorri, deslizando as mãos nos bolsos. “Eu sou branco, rico e homem. Eu vou ter sucesso, não importa o que aconteça. ”

"Você é homem", eu digo. “Você terá sucesso, não importa o que aconteça.”

Ele não tem interesse nesta peça e nem uma grama de talento. Por que mais ela deu a ele esse papel?

Ele inclina a cabeça, me estudando. "Você realmente acha que é isso que está no seu caminho?" Ele dá um passo em minha direção lentamente. "Você não acha que Lambert teria dado esse papel para a... Clay, se ela pedisse?"

Eu desabotoo o casaco, mas mantenho meus olhos nele enquanto ele continua a se aproximar. Callum e Clay se merecem. Ambos seres humanos podres que não perceberão a cobra que o outro é, desde que se distraiam com o quão bonitos são juntos.

Callum continua: "Não tenho dúvidas de que você se sairá do pântano e realmente viverá uma vida que a faz feliz, Liv, porque você merece", diz ele, parando alguns metros de mim. "Você merece. Você é melhor do que nós, e não pense que eu não sei disso."

Que bom.

"Mas não vai ser aqui", ele me diz. “E não será tão cedo.”

Eu permaneço quieta, deixando meus olhos voarem para a esquerda e para a direita para ter certeza de que ele está sozinho. Ele sempre parece andar com seus amigos e, apesar nunca tenha tentado nada, sei que uma hora tentará.

"Por que você acha que Clay te odeia tanto?" ele pressiona, mas não espera por uma resposta. "Porque ela sabe que esta é a última vez que ela será mais do que você."

"Ela nunca foi mais ou melhor."

“Ela teria conseguido Mercutio”, ele retruca.

Eu cerro os dentes e sei que ele vê, porque seu sorriso cresce.

Ele tem razão. Eles não teriam dito “não” a ela, ou provavelmente a qualquer outra pessoa nesta escola.

E posso mentir para mim mesma o quanto quiser e dizer que preciso desse papel para obter alguma experiência antes de me candidatar ao curso de Teatro na faculdade, mas a verdade é que estou ansiosa. Eu quero ser vista antes de deixar essa porra de lugar.

Por meus irmãos. Por esta escola. Não posso deixar Marymount ou St. Carmen como uma ninguém.

Algum dia, serei uma voz para os outros e contarei como eu mal tinha amigos. Como Clay Collins fez isso para que eu nunca pertencesse a este lugar. Como sua mãe transformou a porra dos chuveiros do vestiário três anos atrás para que eu não cobiçasse suas filhas nuas.

"Você quer o papel?" ele pergunta.

Eu levanto meus olhos para os dele.

Ele inclina o queixo. "É seu."

"Se eu considerar sua oferta", acrescento o que está subentendido, porque sei exatamente aonde ele quer chegar com isso. Já tivemos essa conversa.

Mas ele apenas ri baixinho, baixando o olhar e se aproximando. "Oh, você teve tempo para pensar sobre isso", ele provoca. "Agora, eu preciso de uma resposta."

Eu te dei minha resposta.

"Ela é bonita", ele sussurra de repente.

Eu faço uma pausa.

"Macia, loira, jovem... Lábios que têm gosto de milkshake, e não é nem metade de quão bom é o sabor de sua língua."

Meu estômago embrulha e dá um nó, querendo jogar minha bota em seu rosto. Imaginando aquele sorriso intitulado coberto de sangue.

"E ela vai querer tudo o que você fizer com ela", diz ele.

Jogo o casaco em uma cadeira próxima e começo a andar ao redor dele, mas ele dá um passo na minha frente e puxa um pedaço de papel do bolso, segurando-o para mim.

"Você faz isso", ele diz, esclarecendo. "E eu te dou isso."

Ele me entrega o papel e eu hesito, nem por um segundo cedendo à sua oferta, mas minha curiosidade me mata.

Desdobrando o papel, vejo que é um cheque. De Garrett Ames.

Para a escola.

Nele está escrito *Para o departamento de teatro.*

Eu fico olhando para a doação de vinte e cinco mil dólares que, presumo, é o ponto de vista de Callum aqui. Lambert ganha um pouco de dinheiro para brincar no próximo ano letivo, se ela me permitir interpretar o papel que desejo. E Callum vai cuidar disso, se eu der a ele o que ele quer.

Então é assim que o mundo funciona, não é? Eu faço show de sexo com uma garota que eu não conheço para deixar um grupo de garotos de fraternidade babando, e eu vou viver feliz para sempre?

Ou será que todo o meu trabalho duro, tempo e boas intenções realmente se resumirão ao quão bem eu sempre atuo no sofá do elenco?

Sinto Callum se mover ao meu redor enquanto analiso o cheque por mais tempo do que gostaria. É real. Está assinado.

É dinheiro fácil para os Ames. Eles nem perceberiam que está faltando.

O palco endurece sob meus sapatos e eu sinto o calor do holofote que nem mesmo brilha e os olhos de todos os lugares se encham.

Eu posso imaginar a noite de estreia. A neve cai sobre minha cabeça e eu vou morrer uma das mortes mais poderosas já escritas do teatro.

Deus, eu quero isso. Eu quero tantas coisas.

Mas você sabe o que eu mais quero? Eu realmente quero que Clay e Callum e todos os outros comecem a pagar por tudo.

"Ninguém mais da nossa escola estará lá?" Eu pergunto, entrando no jogo.

Mas ele não responde. Eu o ouço exalar atrás de mim, repentinamente animado por eu estar realmente concordando.

Idiota.

"Olivia ..." ele suspira, e acho que ele está prestes a gozar.

"E é só ela?" Eu me viro, questionando-o. "Nem você ou qualquer outra pessoa, certo?"

Ele assente com a cabeça, a emoção se iluminando por trás de seus olhos.

De repente, ele mostra uma chave de cobre na minha cara, sempre pronto. "Fox Hill", ele me diz. "Não falte e esteja pronta. Vou escolher você como minha substituta, aí você ganha o papel e depois você paga. Entendeu?"

Fox Hill é o clube de campo deles, mas aparentemente também tem um clube noturno secreto onde Callum Ames quer me usar para dar um show e impressionar seus colegas de faculdade.

"Mal posso esperar para ver você brincar com ela." Ele me dá aquele sorriso que dá a todas as garotas. Como o que ele deu a Clay. "Faça isso valer a pena. E ser quente. Mas se você não aparecer ", diz ele, seu tom de repente severo. "É temporada de caça a você, Jaeger e toda a sua família."

"Como posso saber se posso confiar em você para cumprir a sua parte do acordo?" Eu pergunto.

Ele se afasta. "Quando você não tem nada, você realmente não tem nada a perder, certo?" Ele sorri aquele sorriso presunçoso do caralho, eu-possuo-o-mundo-e-você-sabedisso antes de virar, descer as escadas e sair do palco.

Eu seguro a chave, me perguntando se ele é apenas burro ou muito inteligente. Talvez eu queira muito o papel. Talvez eu faça isso. Minhas entranhas se agitam, não quero admitir para mim mesmo que não tenho certeza de quão baixo posso afundar na vida se for tentada. Se você quer algo durante tanto tempo assim, qual preço é muito alto?

Mas agora eu tenho o papel.

E uma chave para seu clube.

Eu levanto meu queixo, as rodas dentro da minha cabeça começam a girar. E tudo isso sem pagar o pedágio.

Three

CLAY

EU CORRO MINHAS mãos pelas minhas coxas, os meus mamilos endurecendo quando o ar os toca.

“Bravado” toca no meu telefone e eu fecho meus olhos enquanto me sento de calcinha no final da minha cama, sentindo o peso de sua mensagem ao meu lado.

Agora, ele ordena. Deixe-me ver sua barriga.

Eu ignorei a mensagem de Callum na noite passada, pensando em inventar alguma desculpa, que eu dormi ou algo assim. De jeito nenhum eu mandaria mensagens para alguém com fotos minhas.

Eu prometo a ele que minhas roupas ficarão melhores para se ver pessoalmente. Eventualmente, ele vai querer que eu prove isso.

Minha mente vagueia, as palavras vindo novamente - contra meu pescoço em um sussurro secreto, escondido em espaços apertados e lugares escuros.

Apenas nós dois.

Agora, ele ordena. Deixe-me ver sua barriga.

Mas não é a voz dele. Eu abaixo minha cabeça, respirando com dificuldade. Não é a voz dele que eu ouço. Meu clitóris lateja, meus mamilos endurecem e eu esfrego minhas coxas uma na outra, sofrendo. “Droga”, murmuro.

Eu saio da cama e puxo minha saia da escola para fora do meu armário. Eu a visto, em seguida coloco um sutiã e uma blusa branca, antes de entrar no meu banheiro para endireitar meu cabelo e colocar um pouco de maquiagem.

Eu me encaro no espelho enquanto espalho o brilho labial.

Vai ser gostoso com ele. Vai ser gostoso quando ele ficar atrás de mim, seu torso nu contra minhas costas. Seus olhos vão espreitar por cima da minha cabeça enquanto seus braços fortes e musculosos deslizam em volta da minha cintura, e ele vai ter a visão do meu corpo no espelho, vou estar sem blusa para ele. Mal posso esperar que ele me toque. Ele está morrendo pra ter isso.

Eu passo um pouco de pasta de dente em uma escova de dente e escovo os dentes, imaginando suas mãos deslizando sobre minhas coxas e entre minhas pernas, e então eu limpo um pouco de enxaguatório bucal, travando meu olhar no espelho.

Você quer ele. Vocês ficarão tão bonitos juntos, e à noite, sob os lençóis, será gostoso, Clay. Você vai amar. Sua pele dourada e cintura estreita. Seus ombros largos e olhos grandes que o fazem parecer tão inocente até que ele sorri e você pode ver o perigo. Todo mundo o quer.

Mas quando enxáguo a boca, olho para ele e tento imaginá-lo em cima de mim, vejo um ousado olhar *para mim*. Seu olhar divertido fixaram-se nos meus enquanto ela estava deitada no banco de peso.

Um corpo menor e mais macio do que o de Callum e lábios que posso sentir entre os dentes, porque às vezes eu quero mordê-la até que ela sangre.

Deus, ela me irrita.

Abro a boca, deixando o enxaguante bucal cair enquanto me inclino no balcão. Minha barriga de repente se enche com o calor lá embaixo, e minha boca enche de água, quase sentindo o gosto dela.

Liv. Eu expiro, olhando para a pia. Doente por atenção, rebelde-sem-causa, vadia irritante. Eu agarro a borda do balcão.

Eu deveria apenas deixá-la em paz. Ela não é da minha conta.

Mas pessoas confiantes não precisam ser barulhentas, e não é minha responsabilidade facilitar o desdém dela por todos ao seu redor. Eu não vou parar de provocar até que ela saia deste lugar.

Desligando a luz, pego meu telefone da cama e coloco o polvo de pelúcia encostado na minha cabeceira. Tenho dúzias guardadas no armário e embaixo da cama, mas só mantenho uma à vista.

Eu vi um em um aquário em Orlando quando eu tinha cerca de seis anos - tão lindo e gracioso - mas eu não acho que estava obcecada até que meu pai brincou que eles eram na verdade alienígenas. Minha mãe riu disso, mas conforme eu cresci, descobri que há uma porção significativa da população humana que realmente acredita nisso. Depois disso, fiquei viciada. A capacidade de fazer o que nenhuma outra criatura pode. Sendo tão diferente de tudo ao seu redor. O fascínio de seus segredos.

Eu não sei - eles apenas me chamaram.

Eu coloco minhas sapatilhas, pego minha jaqueta e mochila e saio da sala. Entrando no corredor, eu olho para a direita, vendo a porta do quarto dos meus pais fechada no final do corredor, mas então eu olho para o quarto antes do deles e vou até ele.

O nome de Henry decora a madeira escura, escrito em um arco no tom de azul favorito do meu irmão mais novo. Às vezes eu abro a porta. Seu cheiro ainda persiste. Mas nunca entro. Gosto de pensar que ele foi o último a andar no tapete ou a abrir as gavetas da cômoda, embora saiba que minha mãe fica lá com frequência.

Estou feliz que ela manteve tudo igual.

Toco seu nome, inalo, tento acalmar o que quer que esteja borbulhando em meu peito e desço as escadas.

Desviando para a cozinha, pego uma garrafa de água da geladeira e o recipiente de salada de frango que Bernie, nossa governanta, preparou para mim, enfiando os dois na minha mochila.

Colocando meu blazer e seguindo pelo saguão, pego minhas chaves na mesa da entrada e vou para a porta, mas olho pelo painel da janela na lateral e vejo o carro do meu pai na garagem. O orvalho da manhã brilha sobre o capô de seu Audi cinza.

Eu paro. Achei que ele estava em Miami.

Eu largo minha bolsa e me viro, um sorriso aparecendo em meus lábios. Ele está tão pouco em casa, os negócios o levam para Washington, Sao Francisco e Houston, mas principalmente, Miami. Parece que ele está lá mais do que em casa nos últimos meses.

Uma das portas duplas de seu escritório está rachada, e aperto a maçaneta, olhando para dentro.

“Ei,” eu digo.

Ele está sentado atrás de sua mesa, o cabelo castanho claro desgrenhado, a gravata afrouxada e uma perna de sua calça cinza amassada e o sapato preto brilhante apoiado na mesa. Uma onda de fumaça de cigarro sobe no ar acima de sua cabeça enquanto ele sopra uma baforada.

Ele tira o pé da mesa, sorrindo, "Bom dia."

Eu entro, dando um pequeno passeio com minhas mãos atrás das costas como se estivesse fazendo algo, e giro em torno de sua mesa, sentando no braço de sua cadeira e puxando um novo cigarro da caixa de mármore perto de seu computador.

"Quando você entrou?" Eu pergunto enquanto seu braço passa em volta da minha cintura, me segurando firme.

Para a maioria das viagens, ele vai de avião, mas Miami fica perto o suficiente para dirigir.

"Apenas algumas horas atrás", ele me diz, dando outra tragada. "Sua mãe está acordada?"

"Acho que não." Ele me observa enquanto tiro o isqueiro de sua mesa. "Começa cedo hoje?"

Na verdade, não é tão cedo quanto eu normalmente saio. Acho que ele simplesmente não sabe mais minha programação. Ou a que horas começa a escola, ou que temos culto nas manhãs de terça-feira antes do primeiro período, ou realmente qualquer outra coisa sobre mim.

Está tudo bem, de qualquer maneira.

Eu acendo o cigarro antes de me inclinar para trás em seu ombro. "Missa de terça-feira de manhã", digo a ele, revirando os olhos.

Ele ri. "Não foi minha ideia mandar você para uma escola católica."

"Anotado."

Dou outra tragada, inalo e solto a fumaça.

Meu pai balança a cabeça. "Eu sou um pai terrível."

Eu rio, segurando meu cigarro. "Daqui há alguns anos, vou ter vergonha de pensar no baile de debutantes e provavelmente nem me lembrarei dos nomes dos meus amigos", digo a ele, "mas sorrirei quando me lembrar de ter roubado cigarros com meu pai."

Sua boca se inclina em um meio sorriso, e nós dois damos outra tragada ao mesmo tempo, aproveitando o silêncio da manhã por mais um momento.

"Como vão suas aulas?" ele pergunta.

"Mamão com açúcar."

"E seus colegas de classe? Está tudo... Indo bem? "

Eu me afasto, observando a ponta do cigarro queimar laranja. O que ele vai fazer se eu disser não?

Os pais fazem essas perguntas porque querem parecer que se importam, mas não querem um problema. Não mesmo.

"Eu tenho que ir," eu digo a ele em vez disso, pulando da cadeira e apagando o cigarro no cinzeiro de cristal.

Eu deslizo em torno de sua mesa e ouço as rodas de sua cadeira se movendo.

"Você já entrou na Wake Forest", ele grita atrás de mim. "Relaxe um pouco. Aproveite o seu último ano."

Mas eu não posso. Os maiores eventos do ensino médio estão bem à minha frente. A diversão está apenas começando.

"Vou viajar amanhã de manhã", ele me informa.

Eu paro na porta e viro minha cabeça. "Miami de novo?"

"Sim." Ele concorda. "Mas estarei de volta na segunda à tarde."

As suspeitas se instalam e eu sei tão bem quanto minha mãe por que ele vai embora de novo. No fim de semana, quando quase ninguém está no escritório. Ninguém fala nada sobre nada. Nós nos distanciamos desde a morte de Henry, cuidando das nossas próprias vidas que consistem em tantas distrações quanto possível.

Esta casa é onde coletamos nossa correspondência.

“Viaje com cuidado,” digo a ele, seus olhos culpados olhando para mim como se ele precisasse dizer algo.

Mas eu vou embora antes que ele tenha uma chance.

• • •

Há muito tempo atrás, percebi que não é minha responsabilidade consertar meus pais. Meu pai pode enfrentar o fato, a qualquer momento, de que Henry odiaria saber como a casa está silenciosa agora. Sem sorrisos, guerra de comida ou ver mamãe chorar na mesma parte durante o Natal Branco enquanto assistimos de novo cada temporada de férias.

Ele poderia enfrentar o fato de que, enquanto um filho se foi, ele ainda tem outra filha. Que eu poderia estar fazendo sabe-se lá o quê enquanto ele está em Miami, Austin ou Chicago. Eu poderia estar me envolvendo com drogas. Engravidar. Ser presa.

Ele se importa? Se ele se importasse, ele estaria aqui.

Eu costumava pensar que o dói muito estar em casa, mas poderíamos ter nos mudado para outra casa. Talvez dói para ele estar perto da minha mãe. Nesse caso, ele poderia me levar com ele às vezes.

Mas ele simplesmente vai embora e não demorou muito para entender a mensagem. Nenhum deles quer mais esta família.

E, honestamente, não posso culpá-los às vezes. Qual é o ponto? Você trabalha durante anos - educando-se, construindo, planejando, trabalhando, amando - e a leucemia se espalha e destrói seu filho de dez anos até a morte.

Qual é o objetivo de tudo isso?

Eu entro na igreja, os armários se fechando no corredor da escola atrás de mim. Eu paro, examinando a sala.

Ela está sentada ao lado do corredor, na metade do caminho para o banco, e algo flutua em meu estômago, um pequeno sorriso se espalha em meus lábios.

A verdade é... não há sentido para nada disso. Se o fato de ser uma estudante católica por toda a vida me ensinou alguma coisa, é que a ideia do paraíso é tão abominável quanto a ideia do inferno. Quem diabos quer ficar na igreja para sempre?

Minha mãe tem suas compras e sua agenda muito importante, e meu pai tem outra mulher, ambos correndo o mais rápido que podem de si mesmos, porque agora eles percebem que não há sentido em negar os pecados que mantêm você se sentindo vivo.

Eu sigo pela fila quase vazia, largo minha bolsa e olho para ela. Ela vira a cabeça, me vê e se levanta, pegando sua mochila, mas eu deslizo para o assento, agarro seu pulso e puxo sua bunda de volta para baixo.

“Sente-se,” eu rosno por entre os dentes, sentindo o calor subir pelo meu pescoço enquanto ela cai de volta no banco de madeira, sua mandíbula flexionada.

Não há sentido em negar a mim mesmo nada disso. Eu sou uma vadia, mas apenas com ela, e apenas porque é muito bom. Foda-se.

“Faça algo por mim?” Eu pergunto a ela, mantendo minha voz baixa enquanto os alunos encham as fileiras ao nosso redor, e os coroinhas acendem as velas. “Mova sua bunda um pouco mais rápido do que minha avó no campo nesta sexta-feira, ou isso é pedir demais?”

Liv não olha para mim, apenas olha para a frente enquanto solta uma risadinha silenciosa. "Eu arrasto naquele campo." Relaxando em sua cadeira, ela pendura os cotovelos nas costas do banco e sua camisa levanta um pouco. Vejo o canivete que ela mantém enganchado na cintura da saia, mas escondido por dentro, que só eu pareço saber. Pelo menos até agora. Ela continua, "Eu nunca vou entender como uma princesa que não consegue passar uma bola e se gaba para todo mundo sobre ser uma Swiftie", e ela faz aspas no ar, "'mesmo antes de virar pop' é nossa capitã de equipe. Oh, espera aí. Sim, eu entendo. Papai é útil. Quando ele está presente."

Meu pai não me deu essa posição. Ela pode pensar o que quiser.

Mas eu sorrio e viro para a frente da igreja, meu braço roçando no dela.

"Swiftie?" Eu digo. "Ah, você me segue no Twitter."

Eu disse isso há quatro anos atrás.

Mas ela apenas resmunga: "Eu não poderia me importar menos com o seu Twitter e seus vinte e oito seguidores."

"Pelo menos não perco dezenas de seguidores todos os dias", retruco. Sim, talvez eu também siga ela no Twitter. E eu não tenho vinte e oito seguidores. Não tenho tantos quanto ela, mas são mais de vinte e oito.

"O mundo simplesmente não gosta de feminazis tatuadas com axilas peludas", digo a ela, meu olhar captando a covinha em sua bochecha enquanto ela sorri, "que fazem julgamentos sobre como todos os capitães América nas redes sociais que agem como se realmente soubessem alguma coisa quando eles estão apenas com raiva porque a vida deles é uma merda."

A covinha fica mais profunda, seus lábios vermelhos foscos franzindo para manter sua diversão sob controle. Meu coração bate forte e, por um momento, não consigo desviar o olhar. Às vezes me perco olhando para ela. O formato do nariz que tenho inveja. Como o lóbulo de sua orelha parece macio. A maneira como ela mastiga o canto da boca às vezes.

"Está tudo bem?" alguém diz, me tirando da minha distração.

Eu viro minha cabeça, vendo Megan Martelle parada na nossa frente, segurando uma pilha de cestas de basquete. Seus olhos azuis voam entre Liv e eu, sabendo muito bem que esta não é uma conversa amigável, mas para sua sorte, isso não é da conta dela.

"Tudo bem, obrigada", eu respondo, meu tom é uma dica grande o suficiente que ela teria que ser cega para não entender.

Mas ela olha para Liv em vez disso. "Liv?"

Como é? Não é o nome. É como ela diz. Como se elas se conhecessem.

Liv deve ter feito algum gesto para ela ou algo assim, porque Martelle me dá uma última olhada e então sai lentamente, continuando pelo corredor em direção aos fundos da igreja sem dizer outra palavra.

Que porra ela está pensando? Ela quer se tornar meu próximo hobby ou algo assim?

Eu me abaixo e puxo minha mochila para mais perto antes de virar meus olhos de volta para Liv para ver se ela está assistindo Megan sair.

Mas ela está olhando para mim em vez disso, a diversão explícita em seus olhos.

"De que porra você está sorrindo?" Eu exijo saber.

Ela nunca perde a calma e isso me irrita.

Mas ela apenas responde: "Você tem uma tatuagem." Seu olhar vai para minha mão e eu aperto meus dedos, cobrindo-a. De novo, sinto a agulha cravar na parte interna do dedo médio da minha mão esquerda.

Justo. Eu zombei de feminazis tatuadas, um termo genérico que joguei para ela, quando, na verdade, ela não tem nenhuma tatuagem. Nem mesmo o da pequena gangue de Sanoa Bay de sua família - a cobra e a ampulheta que ela usa em uma pulseira no pulso. Todos os irmãos dela parecem ter isso tatuado neles em algum lugar.

Seus olhos seguram os meus, talvez esperando por uma resposta ou me desafiando, mas a luz que entra pelos vitrais captura o brilho acobreado dos fios de seu cabelo escuro, uma mecha pendurada sobre seu olho enquanto o resto se espalha seus ombros. Uma dúzia ou mais de pequenas tranças decoram seu cabelo, nenhuma das pontas presa com elásticos. Ela parece uma garota guerreira em um daqueles filmes distópicos futuristas.

E de repente, nada está mais quente. Está incrivelmente quente.

Eu aperto meus dedos com mais força, as linhas tatuadas na parte interna do meu dedo super pequena para se medir, muito poucos percebem as linhas, e alguns que provavelmente apenas presumem que eu deixei uma caneta vaziar em mim mesma.

Dentro dessa polegada, nós somos livres. Uma polegada.

"Clay?" ela diz, seu tom diferente. Não percebo que estou olhando para fora até que trago meus olhos de volta ao foco e vejo o preto de sua camisa pólo. Eu levanto meu olhar, vendo uma expressão preocupada nela.

Seus olhos mudam para a minha mão no banco à nossa frente, e eu noto que está tremendo.

"Você está bem?" ela pergunta.

Eu inalo com força, com raiva de mim mesma. *Por que eu não estaria bem?*

Ela pega minha mochila. "Você precisa de uma de suas pequenas pílulas azuis?"

Mas eu arranco a mochila de suas mãos e olho para ela. "Se você deixar ela te tocar," eu mordo, mudando de assunto. "Ela se arrependerá pelo resto da vida. Eu nem preciso sair deste assento para arruinar a vida dela."

Liv olha para mim, e eu quero chegar mais perto – bem perto do rosto dela - porque eu quero uma reação dela.

"Ela não vai conseguir aguentar", rosno em voz baixa. "Vou continuar até que ela não aguente mais."

Eu posso arruinar a vida de qualquer pessoa com meu telefone. Seria divertido. E fácil.

"Você não vai constranger nossa equipe", eu finalmente digo a ela.

Megan estava flertando ontem. De jeito nenhum isso vai acontecer. Ela segura meu olhar e, em seguida, respira fundo, e tem um ar de prazer estampado em seu rosto estúpido e fodido. "Não gosto de mulheres que vem atrás de mim mesmo", diz ela. "Quando eu quero, elas sabem."

Um arrepio se espalha pela minha espinha e, quando espero sentir raiva por sua ousadia, algo mais se apodera de mim.

Quando eu quero, elas sabem. Como elas sabem? O que ela faz?

Mas ela se levanta sem dar mais detalhes. "Com licença," ela diz, e pega sua bolsa, tentando sair. Mas eu piso no seu joelho, agarro seu pulso e a coloco de joelhos. Ela respira fundo enquanto se senta no banco à sua frente, e eu pego minha mochila e me levanto.

"Mantenha sua bunda sentada," eu grito.

Eu não fico para ver sua reação. Eu me viro, ignorando os olhares curiosos ao nosso redor, e saio da capela assim que a missa começa.

Quando eu as quero...

Pisco meus olhos com força e demoradamente. *Jesus.*

four

OLIVIA

MANTENHA SUA BUNDA sentada.

Eu me assusto, abrindo meus olhos enquanto as sombras das gotas de chuva dançam no teto.

Merda.

Meu quarto está claro, ainda escuro pelo céu sem sol filtrando pelas janelas, e as vibrações rápidas do meu telefone na cabeceira da cama tocando sem parar.

Faça algo por mim? Eu a ouço dizer.

Eu aperto meus olhos fechados, rolando e enterrando meu rosto no meu travesseiro. Dane-se ela.

O tecido esfria minha pele quente enquanto o suor umedece minhas costas. Sua voz provocadora - seu sussurro contra minha bochecha - ainda ressoa em meus ouvidos.

Eu não estava sonhando com ela. Deus, por favor, me diga que eu não estava sonhando com ela.

Mas estou latejando.

Eu procuro alguma lembrança no meu cérebro, tentando me lembrar de qualquer coisa antes de acordar, mas tudo que sinto é uma nuvem em minha cabeça. E a tensão em meu corpo. O calor rodopia em meu estômago, o calor entre minhas coxas é sensível, estou inquieta e relaxado ao mesmo tempo. Não é desagradável.

Alcançando o meio das minhas pernas, toco-me através do short e da calcinha, sentindo instantaneamente a maciez.

Eu puxo minha mão e me sento. *Jesus Cristo.* Aquela cadela egocêntrica e superficial ... Que porra é essa?

Não. Absolutamente não.

Eu superei isso. Eu já superei isso há anos. Ela é hétero. Eu sabia disso anos atrás, quando a conheci, tive uma queda por ela e não conseguia parar de pensar nela.

E ela é cruel. Eu sei disso com clareza agora. Eu nem consigo começar a entender o que diabos meu subconsciente está pensando, mas foder a Clay Collins seria menos divertido do que se banhar em lava.

Você pensaria que com um suicídio local provavelmente resultado de bullying, Clay Collins recuaria. Alli Carpenter está morta. Uma garota esquisita que já estava farta.

É isso que Clay quer? Qual é o problema dela?

Pego meu telefone, eu verifico minhas redes sociais, vendo que consegui alguns novos seguidores no Twitter. Eu encontrei um tweet popular do Rev. John J. Williamson condenando um jovem senador que por acaso é homossexual. Eu balanço minha cabeça, apaziguada pelos comentários no tópico que o condena. Esses caras são sempre pegos em quartos de motel com garotos de quinze anos.

Babaca. Eu retuíto, escrevendo na legenda *Espero que suas filhas cresçam e tenham esposas*, e clico em *Enviar* e verifico os textos.

Um de Becks. *Liga para mim.*

Eu não falo ao telefone. Eu mando mensagem.

Outro de Jonasy, a ex de Trace, que acha que manter um relacionamento com a família vai colocá-la de volta em sua cama. *Uma nova loja vintage foi aberta em Little Cuba. Venha comigo!*

Não. Quando ela teve a impressão de que gosto de roupas vintage? Eu posso adorar usar a velha jaqueta de motociclista de Macon com buracos no forro de quando ele tinha quinze anos, mas tenho certeza de que velho não é igual a esquisito.

Jogo o telefone na cama e pulo para fora dela, me alongando e puxando meu cabelo do rabo de cavalo baixo, sacudindo meu cabelo.

"Não!" Eu ouço um berro do lado de fora da minha porta e viro minha cabeça com o som. "Devolva agora!"

Eu gemo, fechando meus olhos e deixo minha cabeça cair para trás. *Trace e Dallas*. Um tem vinte anos e o outro vinte e um, eles eram os mais novos da família, mas ainda mais velhos do que eu. Você diria isso com base no comportamento deles.

"É muito cedo!" Dallas grita de volta.

Então ouço rangidos contra o piso de madeira, passos pesados e então... um baque sacode a casa, as prateleiras da minha parede chacoalham e minha cópia contendo todas as peças de Henrik Ibsen cai no chão. Outro baque, e então um quase trovão vibra sob meus pés.

Jesus. Eu preciso de ar.

Abrindo minha porta, encontro Dallas e Trace no chão do corredor, lutando. Dallas está encharcado e usando uma toalha que está quase saindo de seu corpo, e Trace está apenas de jeans, rindo pra caramba enquanto eles fazem isso.

"Já chega!" Eu grito.

Pelo amor de Deus. Eu cerrei meus dentes, passando por eles e pisando em seus corpos.

Mas mãos agarram minhas pernas, e eu mal tenho tempo para soltar um grito antes de cair para trás e nos braços à espera.

"Trace!" Eu grito, nem mesmo tendo que olhar para ver quem é o culpado. Dallas não é brincalhão, então eu sei que não é ele.

Dedos cavam em meu estômago e eu seguro minha risada, chutando e me contorcendo.

"Pare!" Eu rosno enquanto meu irmão faz cócegas. "Eu não estou no clima."

"Você dormiu", Trace dispara de volta. "Eu não dormi."

Dallas nos empurra, aperta sua toalha, fechando-a e desaparece de volta no banheiro, batendo a porta.

"Vamos." Eu luto contra o aperto de Trace, a nuca em sua bochecha apunhalando minha orelha. "Café primeiro. Por favor."

Ele tem essa coisa sobre pessoas temperamentais. Pessoas como Macon e Dallas. Pessoas como eu. Ele cutuca o urso de propósito e não sabe quando parar.

Nós lutamos, e eu chuto, batendo na parede em vez dele, o gesso rachando e uma bela amassada redonda aparecendo onde não havia uma antes.

Eu costumava me sentir mal, mas as paredes estão cobertas de amassados e buracos dos anos de seis crianças Jaeger. Macon, o mais velho e chefe da casa, não perceberá.

"Me solta!" Eu lati e dei uma cotovelada no estômago dele. Seu aperto relaxa e eu saio de seus braços, rastejando e me levantando, escapando.

Mas eu ouço sua voz atrás de mim. "Sua vez de lavar a roupa de cama!"

Eu paro e viro minha cabeça, seu cabelo curto e preto espetado em todo o lugar, e seus olhos verdes não mostram nenhum indício de que ele teve uma noite sem dormir, como ele afirma.

"Eu não vou tocar nos seus lençóis", digo a ele. "Coloque-os na máquina de lavar você mesmo."

Ele pisca os cílios e eu solto um suspiro silencioso. Se eu não lavar os lençóis dele, ele não vai lavá-los.

E por que eu me importo? Não faço idéia.

"Não me faça tocar em seus lençóis", eu imploro.

Mas ele apenas pisca para mim. "Café primeiro," ele diz. "O café vai ajudá-la a se sentir melhor."

Tanto faz. Eu saio correndo, sabendo que vou fazer isso e sabendo que ele sabe que eu vou fazer isso.

Eu tenho permissão para fazer beicinho por um tempo, no entanto.

Se nossos pais estivessem aqui, eu poderia não me sentir obrigada a ceder a ele, mas Trace não era muito mais velho do que eu quando ficamos órfãos. Ele acha que uma mulher vai preencher aquele vazio que não ter uma mãe deixou nele.

Entro na cozinha, as paredes lascadas de reboco azul e rosa brilhando com a luz que vem do velho lustre enferrujado sobre a mesa da cozinha. As venezianas acima da pia se abriram, a grade branca impedindo a entrada de intrusos, mas deixando entrar o cheiro e o som da chuva.

Macon se inclina contra o fogão, manchas de graxa em sua camiseta cinza e o couro descascando na frente de suas botas de bico de aço. Ele seca as mãos e aperta a tira de couro fina, idêntica à minha, em volta do pulso.

Eu caminho para a garrafa de café. "Bom dia."

"É quase meio-dia." Eu o ouço tomar seu café. "Você nunca saberia que tenho cinco irmãos com todas as merdas que vocês me fazem fazer por aqui sozinho."

Eu encubro meus olhos, me preparando enquanto tiro os grãos de café do armário.

Não é meio-dia. Mal são dez e é sábado. "Café primeiro, por favor," eu digo.

Ele está de mau humor, provavelmente acordado desde as cinco da manhã e teve tempo de falar sozinho até ficar um pouco nervoso, dizendo o quanto somos ingratos. Macon precisa de sexo. Muito sexo.

Pego a panela, mas sinto que já está cheia. *Ugh, obrigada.* Ele preparou outro pote.

Eu me sirvo de uma xícara e caminho até a mesa, sentando-me em frente a ele. "Eu cheguei tarde na escola," digo a ele, tomando meu primeiro gole. "Acho que os últimos meses do último ano não são para relaxar, afinal."

"Não, não são para relaxar", diz Macon, "não mais do que o necessário para ter tempo de se inscrever em Dartmouth quando você vai para o estado da Flórida".

Eu dirijo meus olhos para cima.

Ele estende a mão por cima da mesa, para a pilha de contas esperando para serem pagas no porta-guardanapos, e tira um envelope branco, jogando-o para mim.

Eu o pego, virando-o para ver o endereço do remetente de Dartmouth no canto. O envelope está rasgado e posso sentir a carta dentro.

"Parabéns", ele me diz antes que eu tenha a chance de ler a carta. Eu lanço meu olhar para ele novamente enquanto procuro dentro do envelope. "Você abriu minha correspondência?"

Mas não espero por uma resposta. Desdobrando o pedaço de papel, não sei se ele está me zoando ou se eu realmente entrei. Meu coração bate forte quando começo a ler, absorvendo uma palavra após a outra, prendendo a respiração.

Ele não tá zoando. Eu leio as primeiras frases sem parar, a realidade lentamente vindo.

Ele não está mentindo. Eu entrei. Eu expiro, sorrindo ao sentir que estou flutuando de repente. Entrei.

Entre em uma escola da Ivy League com um ótimo departamento de teatro.

Eu estou indo para Dartmouth.

Eu aperto o papel, meio que desejando poder abraçar alguém agora. Mas eu sou a única pessoa nesta casa feliz com isso.

"Mas o que eu sei, certo?" Macon continua. "Eu sou apenas um pobre caipira burro que nunca será mais do que isso. Eu deveria ter sorte de aprender com você."

Meu sorriso cai lentamente e eu olho para cima, encontrando seus olhos castanhos. Somos os únicos dois filhos - o primeiro e o último - que têm os olhos de nossa mãe, mas isso é tudo que temos em comum. Eu respeito muito meu irmão mais velho. Ele cuida das coisas. Ele é confiável, honesto e forte.

Mas eu realmente não gosto muito dele. Ele não quer que eu vá para Dartmouth. Ele não fala comigo, a não ser para ser meu pai.

"Foi você quem me pressionou para fazer isso", digo a ele, colocando a carta na mesa. "Você queria que eu saísse daqui. '*Seja alguém*', foi o que você disse. '*Seja lembrada*'. Foi o que você disse." Eu não posso evitar a carranca se espalhando pelo meu rosto. "Dartmouth é dez vezes maior que a escola do Estado da Flórida, e você ainda não está feliz."

Demoro menos de três segundos para ficar com raiva da minha família, mas Macon apenas inclina a cabeça, brincando comigo. "E o que você está estudando em Dartmouth?"

Eu balanço minha cabeça. Eu não vou desistir do teatro. É minha vida, não a dele. "Você me quer perto para que possa me controlar."

"E você quer voar para fora do alcance dos meus braços onde eu não posso fazer isso."

Ele acha que teatro é estúpidez. Ele acha que vou acabar um fracasso de meia-idade e perceber tarde demais que não posso voltar atrás e tomar as decisões que ele acha que devo tomar.

Serei um fracasso se ficar.

"Dezoito não vai fazer de você uma adulta, Liv." Ele me encara. "Você ainda precisa crescer. Eu tinha vinte e três anos e ainda precisava crescer."

Fico em silêncio, cansada de andar em círculos com ele sobre isso. Sua situação era completamente diferente. Ninguém - não importa a idade - estaria pronto para perder os pais com dois meses de diferença e também ter a responsabilidade de criar e sustentar cinco irmãos mais novos.

Com o passar dos anos, fiquei pasma com Macon, lentamente percebendo, à medida que amadurecia, como deve ter sido para ele. Ele era um fuzileiro naval, estava vendo o mundo e vivendo sua vida apenas para si mesmo. Ele teve liberdade e oportunidades.

Um dia, nosso pai teve um ataque cardíaco que o deixou enfraquecido até que ele finalmente faleceu uma noite. Dois meses depois, minha mãe o seguiu.

Macon teve que fazer uma escolha. Ele poderia nos deixar ser separados e mandados para um orfanato, ou poderia pedir para sair e voltar para casa para pagar mais contas do que era capaz, alimentar barrigas que estavam constantemente famintas e ser acorrentado a pessoas que continuariam sendo dependentes dele mesmo depois de terem completado dezoito anos.

Sua vida acabou, mas ele não hesitou. Ele voltou para casa.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tryst Six Venon Penelope Douglas" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).